



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JÚLIA DIAS

AFASIA E MEIO DIGITAL

**CAMPINAS,
2020**

AFASIA E MEIO DIGITAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry
Co-Orientador a: Profa. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães
Lemos Silveira**

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Júlia Dias e orientada pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry e co-orientada pela Profa. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira

**CAMPINAS,
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

D543a Dias, Júlia, 1996-
Afasia e o digital / Júlia Dias. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Maria Irma Hadler Coudry.
Coorientador: Fernanda Mussalim.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Cognição distribuída. 3. Análise do discurso. 4. Mídia digital. 5. Neurolinguística. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Mussalim, Fernanda. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Aphasia and the digital

Palavras-chave em inglês:

Aphasia

Distributed cognition

Discourse analysis

Digital media

Neurolinguistics

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Maria Irma Hadler Coudry

Patrícia Aparecida de Aquino

Thalita Cristina Souza Cruz

Data de defesa: 11-12-2020

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-00029466-0848>.

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9772331046871587>



BANCA EXAMINADORA:

Maria Irma Hadler Coudry

Patrícia Aparecida de Aquino

Thalita Cristina Souza Cruz

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Se o cérebro é tão rugoso, por que a mente é tão quadrada?

Meliny Bevacqua

Agradecimentos

Um trabalho de pesquisa é, antes de tudo, um trabalho coletivo. Nada é possível ser feito sem a ajuda daqueles que vieram primeiro e que abriram caminho. Agradeço à minha orientadora Maza e minha co-orientadora Fernanda Mussalim pelas orientações e pelas próprias trajetórias de pesquisa que trilham diariamente.

À minha família: José Carlos, meu pai, Susan, minha mãe e Giovana, minha irmã. Pelo incentivo desde sempre para os estudos e para a leitura, pelas oportunidades que me ofereceram, pelo apoio e pelo carinho.

Este trabalho tem como banca mulheres fortes, inteligentes e extremamente competentes. Agradeço à Patrícia Aquino, Thalita Souza-Cruz, Judith Righi e Larissa Mazuchelli pela leitura atenciosa e pelas contribuições. Deixo registrada minha admiração por cada uma de vocês.

Nenhuma conquista é plenamente saboreada se não puder ser compartilhada com pessoas especiais. Agradeço à Jacqueline Messias que, feito café forte, foi companhia cotidiana em todo o processo do(i)do de pesquisa e escrita. Além de excelente pesquisadora e psicanalista, também é minha melhor amiga. Obrigada pelo suporte e pela amizade, Jacque.

Ser pesquisadora e professora (dentre várias outras funções) neste país é uma tarefa que exige muita determinação e coragem. Se este trabalho chegou a ser concluído foi porque me inspirei em todos os nomes aqui citados - e tantos outros que não apareceram aqui. Acompanho o trabalho de todos vocês e sei que as dificuldades que enfrentamos são, infelizmente, uma realidade para praticamente todo pós-graduando. Por isso, quero agradecer também à Giulia Gambassi, Érica Cardozo, Arnaldo Lima, Filipo Pires, Isabella Moutinho, Bruna Garcia, Bruna Castropil, Betina Barthelson, Tayná Povia Luciano Alves Vieira, Gabriella Pescarolo e Rafael Oliveira. Cada um de vocês, à sua maneira, contribuiu para esta pesquisa.

Agradeço, em especial, à Diana Peña Ruíz, uma das pesquisadoras mais sensíveis que já conheci. Dino, obrigada por escrever com tanta paixão e sensibilidade, seu trabalho me marcou e me marca profundamente. Mesmo 4.321,08 km distante, receba o meu abraço.

Não posso deixar de mencionar a Rose e o Cláudio que trabalham na Coordenadoria de Pós-Graduação por todo o auxílio prestado e pela excelência que exercem nos seus trabalhos.

À MP e CL, com vocês aprendi muito mais do que sobre afasia e linguística. Sou imensamente grata pelo tempo de acompanhamento no CCA. Vocês me mostraram o que é ter voz, apesar de qualquer dificuldade que possa surgir, inclusive a afasia.

Aos demais frequentadores do CCA dos últimos quatro anos, dentre afásicos, familiares, estagiários, bolsistas, pesquisadores e visitantes, guardo com carinho as recordações de cada um e agradeço a confiança e a convivência.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo discutir as relações entre afasia e o digital através da perspectiva teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva (ND) e da articulação desse quadro com as áreas de Análise do Discurso (AD) e de Cognição Distribuída (CD). A ND vem estudando a relação entre cérebro e linguagem desde sua fundação com os estudos de Coudry (1986/88) e, ainda, quebrando paradigmas em relação ao que se considera um déficit na linguagem. Da AD tomamos como fundamentais os conceitos de *dispositivo comunicacional*, *mídiun* e *ethos*, da CD, por sua vez, enfatizamos a noção de *distribuição* mobilizada por essa teoria. Para tanto, serão analisados os dados que constam no BDN (Banco de Dados de Neurolinguística) e que tratam da interação de dois sujeitos afásicos (MP e CL) com as novas tecnologias digitais: redes sociais, facebook, smartphone, entre outros. A pergunta que se coloca diante desses dados é em que medida os sujeitos afásicos se diferenciam de sujeitos não afásicos no meio digital e o que isso pode nos indicar sobre a relação entre linguagem, cérebro e tecnologia? A hipótese que se pretende sustentar é a de que não apenas a cognição tem uma natureza distribuída, mas o próprio *ethos* e, dentro do contexto digital, se tratando de sujeitos afásicos, é possível observar esse funcionamento de modo privilegiado.

Abstract

This research aims to discuss the relationship between aphasia and digital media through the theoretical-methodological perspective of Discursive Neurolinguistics (DN) and the articulation of this framework with the areas of Discourse Analysis (DA) and Distributed Cognition (DC). DN has been studying the relationship between brain and language since its foundation with the studies of Coudry (1986/88), and it's still breaking paradigms concerning what is considered a language deficit. From DA, we take as fundamentals the concepts of the communicational devices, media, and ethos, and from DC, we emphasize the notion of distribution mobilized by this theory. For this purpose, the data contained in the ND (Neurolinguistics Database) will be analyzed, and also how it deals with the interaction between two aphasic subjects (MP and CL) and new digital technologies: social networks, Facebook, Smartphones, etc. The question that arises with these data is "to what extent do aphasic subjects differ from each other in the digital environment, and what can this tell us about the relationship between language and the brain when dealing with technologies?" The supported hypothesis is that not only cognition has a distributed nature, but also ethos, and that, within the digital context, in the case of aphasic subjects, it is possible to observe this functioning in a privileged way.

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 - Neurolinguística Discursiva (ND)	13
1.1 Afasia e Linguística	13
1.2 Princípios teóricos da ND	14
1.3 A concepção de cérebro para a ND	16
1.4 O que é um dado para ND	20
1.7 O corpo a corpo da ND	30
Capítulo 2 - AS HISTÓRIAS DE MP E CL	35
2.1 Personagens e ambiências	35
2.2 O sujeito MP	37
Fala de MP: “O filha, cê não tá vendo que eu não sei falar?”	37
Escrita de MP: semelhanças com o caso Zazetsky	39
Leitura de MP: fazer para dizer que leu	41
2.3 O sujeito CL	42
Fala de CL: Não!	43
Escrita de CL: rascunho mental	44
Leitura de CL: a relação verbal e não verbal	48
Capítulo 3 - AFASIA E O DIGITAL	49
3.1 Considerações sobre o Digital: da agenda ao smartphone	49
3.2 Do mecânico para o digital, do digital para o mecânico:	55
Grupo no Whatsapp: comunidades de pertencimento	55
Processos alternativos de significação no Whatsapp	56
3.3 Afásicos Digitais: a construção do ethos do sujeito afásico na rede social Facebook	59
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

Introdução

Este trabalho se insere nos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa: Neurolinguística Discursiva: afasia e infância coordenado pela Prof.^a Maria Irma Hadler Coudry. A metodologia é fundamentada no acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos que participam do CCA (Centro de Convivência de Afásicos/IEL - UNICAMP), um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas (familiares, pesquisadores e alunos em formação). Um dos objetivos do Centro é enfrentar as dificuldades que se apresentam àqueles que, devido a uma lesão cerebral, passam a conviver com diversas dificuldades linguísticas que afetam a fala, a leitura e a escrita.

À ND sempre interessou olhar para aquilo que os afásicos fazem, mais do que apontar o que neles faltam. Dizer que os afásicos são sujeitos de seu tempo (GARCIA, 2018), porque atuam nas redes sociais sem se identificar como afásicos, é o ponto de partida para a pergunta: o que é ser sujeito de seu tempo e quais os desdobramentos disso para o cérebro? Não se pretende com este trabalho responder a essa complexa questão *diretamente*, mas trazer algumas considerações a respeito do cérebro, do sujeito e do mundo digital, sob o viés da Neurolinguística Discursiva, a saber: em que medida o uso da internet por sujeitos afásicos difere do uso por sujeitos não afásicos? O que acontece com a língua(gem) e os processos de significação do afásico quando se encontra em um meio digital? Quais as possibilidades que surgem com o meio digital para a construção da identidade de um sujeito afásico nas redes sociais?

No *Capítulo 1 - Neurolinguística Discursiva*, localizo os estudos sobre as afasias no campo da Linguística a partir dos estudos de Jakobson até a fundação de Neurolinguística Discursiva (ND) como área do conhecimento com os estudos de Coudry (1986/88). Apresento, então, alguns dos princípios teóricos que orientam essa área (ND), assim como a concepção de cérebro que adotamos e da qual partem as reflexões sobre as interações sociais e sobre os aparatos digitais. Também discorro nesse capítulo sobre o que consideramos como um dado-achado (Coudry, 1996) e qual a

metodologia que fundamenta a produção e análise de dados de uma Neurolinguística de tradição enunciativo-discursiva. Em seguida, comento sobre a filiação da ND à Análise do Discurso (AD) com especial ênfase nos trabalhos de Dominique Maingueneau e sua importante reflexão sobre *hipergêneros*, bem como a noção de *mídiu*m e de *dispositivo comunicacional*. Comento, ainda, a relação entre ciências da cognição e tecnologia e linguagem destacando as contribuições de Mussalim para a discussão - e, conseqüentemente, para as análises dos dados da presente pesquisa - ao relacionar Cognição Distribuída (CD) (HUTCHINS; KLAUSEN, 1996) com a ND a partir dos conceitos previamente mencionados da AD seguindo Maingueneau. Finalmente, faço uma discussão do que seria considerado corpo, bem como deficiência (ou déficit) desse corpo, aos olhos da ND e de outras áreas que vem pensando nessa questão principalmente a partir da interferência das tecnologias - digitais ou não - no corpo e na subjetividade dos seres que com elas convivem.

No *Capítulo 2 - As histórias de MP e CL*, apresento os sujeitos, MP e CL que foram acompanhados longitudinalmente nesta pesquisa, suas histórias de vida, a história de suas respectivas lesões e os impactos dessas lesões na fala, na leitura e na escrita de cada caso. Nesse capítulo já se apresentam alguns dados que trazem artefatos digitais como *mídiu*m e coloca-se a perspectiva da CD para a discussão desses dados.

No *Capítulo 3 - Afasia e o Digital*, faço algumas considerações sobre o meio digital tomando como exemplo a mudança do uso da agenda para o uso do *smartphone* pelos sujeitos do CCA. Em seguida, analiso dados que revelam uma passagem não apenas do mecânico ao digital, mas também do reverso: práticas relacionadas ao digital sendo transpostas para o papel. Apresento dados relativos ao grupo II do CCA no aplicativo whatsapp, tendo como princípio a ideia de que tal grupo reforça o fato de que o CCA funciona como uma comunidade. Ao olhar para os dados referentes ao uso da rede social *Facebook* por MP e CL, reflito sobre como se dá a construção da identidade dos sujeitos - em especial dos que são considerados afásicos - nessa rede. Para isso, recorro ao conceito de *ethos* a partir do que discute Maingueneau e proponho a reflexão de um *ethos distribuído* à luz da CD.

Capítulo 1 - Neurolinguística Discursiva (ND)

A Linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos - pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.
(JAKOBSON, 1976)

Assim é na vida, assim é na
afasia
(COUDRY, 2011)

1.1 Afasia e Linguística

Afasia é comumente entendida como uma perturbação na linguagem causada por lesão cerebral. Dificuldades para falar, ler ou escrever são características principais desse fenômeno. Os primeiros a se interessarem e a lidarem com a afasia no séc. XIX foram médicos neurologistas, psiquiatras e neuropsicólogos. Dentre os trabalhos pioneiros na área dois se destacam: os achados de Broca (1861/1969) com a descrição de um caso de afasia motora e o estudo de uma lesão na terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo que ficou conhecida como área de Broca; e os de Wernicke (1874/1994) que localizou uma afasia na primeira circunvolução temporal do hemisfério esquerdo, área relativa à imagem sonora, conhecida como área de Wernicke. Essa época é marcada pela polarização “normal”, de um lado, e “patológico”, de outro, pela relação direta entre a localização da lesão cerebral e o tipo de afasia e pela busca por encontrar no cérebro uma área específica para a linguagem, ou seja, o berço do localizacionismo científico estrito.

Jakobson é pioneiro, como linguista, a começar a se preocupar com os problemas de linguagem decorrentes de lesão cerebral:

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem. Esse problema, abordado há já muito tempo por Hughlings Jackson, não pode ser resolvido sem a participação de linguistas profissionais familiarizados com as estrutura e o funcionamento da linguagem.
(JAKOBSON, 1976)

A partir de então, um campo de estudos na linguística se abre e permite que outros pontos de vista sobre o fenômeno coloquem em questão uma abordagem localizacionista que relaciona diretamente as áreas do cérebro e os tipos de afasia. Tomando como um compromisso o convite de Jakobson, a professora Maria Irma Hadler Coudry funda a Neurolinguística Discursiva (doravante ND) e baseia seus estudos em/sobre afasia não apenas como um problema de fala ou de escrita, mas como uma alteração em processos de significação (COUDRY, 1986/88) que afetam os diferentes níveis de linguagem e sua inter-relação (COUDRY, 1993).

Como consequência da inclusão da linguística nesses estudos, portanto, foi possível olhar para os fenômenos de linguagem de forma mais ampla e compreender que, ao contrário do que apontavam os trabalhos localizacionistas, a linguagem acontece por um funcionamento integrado de diferentes áreas do cérebro.

1.2 Princípios teóricos da ND

A ND tem se ocupado há mais de 30 anos em estudar a relação entre cérebro e linguagem, inicialmente pautada nos estudos linguísticos das afasias. Fundada com a tese de doutorado de Maria Irma Hadler Coudry, propõe um estudo discursivo da afasia tendo como foco as modificações linguísticas da linguagem em funcionamento diferenciando-o de abordagens metalinguísticas assentadas em testes-padrão (COUDRY, 1986). A partir disso, um novo modo de estudar e avaliar a linguagem se constitui como área de pesquisa, expandindo-se para outros distúrbios de linguagem.

Deriva dessa obra inaugural também a criação do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) que passa a funcionar no IEL a partir de 1989 por um convênio entre o Departamento de Linguística (IEL/Unicamp) e o Departamento de Neurologia (FCM/Unicamp). O Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho), por sua vez, foi inaugurado em 2004 pelo Departamento de Linguística (IEL/Unicamp) e recebe, avalia e acompanha crianças e jovens que foram diagnosticados com algum tipo de patologia que afeta a relação fala, leitura e escrita e os impedem de se inserirem satisfatoriamente no mundo das letras. Ambos são espaços de pesquisa e convivência que privilegiam o sujeito - e se distanciam de seu apagamento através da padronização - em detrimento de qualquer patologia de linguagem. É, pois, justamente na aposta no sujeito que reside o caráter inaugural da obra de Coudry, nas palavras de Perottino (2018):

A atribuição de autoria a Coudry vem do fato de seu trabalho possibilitar a ruptura com a noção generalizada de não haver mais sujeito na afasia, com a ‘cegueira’ generalizada à ocorrência dos processos alternativos de significação por parte dos sujeitos afásicos nas situações concretas de interlocução. (PEROTTINO, 2018)

Coudry fundamenta seu trabalho na hipótese, desenvolvida por Franchi (1977), de indeterminação da linguagem, segundo a qual os conceitos de *atividade constitutiva* e de *trabalho* constituem a língua(gem), sendo o sujeito, nas relações entre os interlocutores em que se envolve, peça crucial nessa abordagem. Ao colocar a interação como central para o estudo da linguagem, a hipótese de Franchi possibilita olhar para a linguagem do afásico (fala, leitura e escrita), mesmo fragmentária, como *trabalho*, ou seja, como linguagem (COUDRY, 1997).

Nesse sentido, o sujeito, afásico ou não, para a ND é, um sujeito histórico, heterogêneo, incompleto que se constitui na e pela linguagem e que também é interpelado pela determinação ideológica e psíquica e condicionado por dispositivos, seguindo Agamben¹ (2009) a partir de Foucault (1969) (COUDRY, 2018). Coudry, ao negar uma abordagem da língua internalizada no sentido de Chomsky afirma que se interessa pela linguagem pública, “externalizada”, exercida na interação recíproca dos interlocutores em situações específicas. (COUDRY; 1986/88)

Diante disso, vê-se que é fundamental para a ND a centralidade da enunciação (COUDRY, 2012), pois é baseando-se nisso que é possível olhar não somente para aquilo que falta no afásico, mas para aquilo que o afásico faz para contornar suas dificuldades: às vezes o que falta, outras o que há em excesso (COUDRY, 1997). Assim, o afásico é capaz de interagir e contar algum acontecimento do seu dia, mesmo não conseguindo produzir determinada palavra ou um enunciado sintaticamente estruturado. Dessa interação deriva um sentido que é construído, tal como ocorre com não afásicos, ou seja, o sentido não é prévio ao acontecimento discursivo (COUDRY, 1986/88). Isso não significa que nessa abordagem as dificuldades não são consideradas ou são apagadas, pelo contrário, são evidenciadas e compartilhadas para que o afásico tenha cada vez mais conhecimento sobre sua própria linguagem. Nesse sentido, Coudry nomeia de *processos alternativos de significação* o caminho pelo qual tanto os afásicos quanto as crianças percorrem para se fazer entender na língua:

¹ Agamben, a partir do conceito de dispositivo de Foucault (1969), define dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009 p. 40)

É quando o afásico e a criança lançam mão de processos alternativos de significação que geralmente não coincidem com os oficiais, instituídos na língua, mas representam caminhos possíveis; representam a criatividade na aquisição e também na linguagem afetada pela afasia. (COUDRY, 2018)

Tais caminhos alternativos são, inclusive, previstos no próprio sistema cerebral graças ao seu caráter plástico, ou seja, a capacidade do cérebro de se reorganizar a partir das interações sociais. Essa relação entre a afasia e a organização cerebral a partir das concepções da ND será abordada no próximo tópico.

1.3 A concepção de cérebro para a ND

O cérebro humano pode ser considerado como a estrutura mais elevada na história da evolução das espécies, e é objeto de diversas ciências que tentam desvendar sua complexidade. Para a ND, interessa uma concepção do cérebro que o considere como produto social e cultural, que tenha um funcionamento hierárquico, dinâmico e dotado de plasticidade, adquirido pela espécie em sua continuidade.

Estudos realizados por Vygotsky mostram que as funções superiores são processos decorrentes das relações sociais, de modo que o que está em foco é a imersão do sujeito na linguagem em jogo para que ele adquira um certo controle e uma certa consciência (VYGOTSKY, 2004). Para o autor, a psicologia humana acontece “entre o biologicamente dado e o culturalmente adquirido” (VYGOTSKY, 2007 p. 42). Ou seja, absolutamente dependente da interação com o outro, que é considerada a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana (VYGOTSKY, 2007).

Em consonância com Vygotsky, seu professor e mestre, o neuropsicologista Alexander Luria contribuiu significativamente para o estudo das afasias ao questionar a localização estrita de lesões cerebrais e propor um cérebro dinâmico e que trabalha integradamente. Esse autor dá grande importância ao fator histórico e cultural que permeia a linguagem e o cérebro. As pesquisas desenvolvidas por Luria (1976, 1977, 1980, 1981, 1986), com seus estudos do sistema cerebral e da contribuição de cada um desses sistemas para a atividade consciente, se mostram relevantes, principalmente sua ideia de organização cerebral. Nessa concepção, a linguagem não estaria localizada em um lugar específico no cérebro, mas seria fruto da articulação de regiões diversas. Luria formula, a partir de suas pesquisas, o conceito de *plasticidade cerebral*, isto é, a ideia de

que o cérebro não é uma estrutura fixa e imutável, mas que se desenvolve a partir do desenvolvimento de cada sujeito na relação com o outro. (LURIA, 1977).

Luria dedicou a sua vida a estudar o cérebro, através, principalmente, de estudos de diversos distúrbios, do Parkinson à cegueira verbal, foi um grande pesquisador da memória e do pensamento humano. Oliver Sacks, em um prefácio do livro *O homem com o mundo estilhaçado* (LURIA, 2008) escreve que Luria “Foi o mais importante e fecundo neuropsicólogo do seu tempo, e que alçou a neuropsicologia a um requinte e simplicidade inimagináveis cinquenta anos atrás.” (LURIA, 2008 p.9). A grande diferença em seus trabalhos, influenciados pelo seu grande mestre Vygotsky, além de Freud e Pavlov, se deu pelo fato de compreender que as funções cerebrais não eram de natureza puramente biológica, mas estavam inseridas em um contexto sociocultural que necessitava ser levado em consideração para a compreensão dos processos mentais.

No final da década de 30, começou a se interessar mais especificamente pelos efeitos de lesões cerebrais sobre as funções superiores como a percepção, a memória e a linguagem e, em meio a Segunda Guerra Mundial, encontrou um campo vasto para esses estudos a partir do acompanhamento durante muitos anos de soldados feridos de guerra. Luria se dedicou extensivamente e teve uma grande produção acadêmica na área.

Dada a complexidade do cérebro, Luria formula uma teoria sobre o funcionamento cerebral segundo a qual o cérebro pode ser dividido em cinco grandes regiões (subcorticais, frontais, parietais, occipitais e temporais) que, por sua vez, podem ser organizadas em três “unidades funcionais” (Bloco I, Bloco II e Bloco III). Essas unidades trabalham em conjunto para realizar qualquer atividade, de modo que a linguagem, então, não estaria localizada em nenhuma região específica, mas seria fruto do trabalho integrado dessas três regiões:

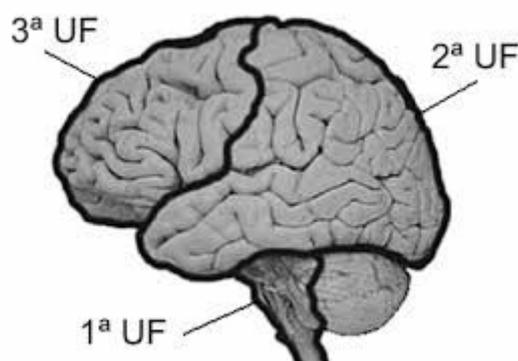


Fig. 1 – Unidades funcionais do cérebro

O Bloco I assume função reguladora atuando no tônus cortical. Consiste em um mecanismo que funciona como uma fonte de energia que alimenta o cérebro, mantendo um estado de vigília ou de alerta. É composto de estruturas do subcórtex e do tronco cerebral (hipotálamo, tálamo ótico e sistema de fibras reticulares).

O Bloco II tem função de receber, sintetizar e registrar as informações, é formado pelos lobos occipital, temporal e parietal e se organiza em três áreas: i) primária, que distingue os estímulos visuais, auditivos e táteis; ii) secundária, que sintetiza as informações sensoriais recebidas da área primária e iii) terciária, responsável pela síntese intermodal, o que possibilita que informações qualitativamente diferentes sejam simultaneamente integradas.

O Bloco III tem a função de programar, regular e verificar as atividades cerebrais, e é formado pela região anterior do cérebro – os lobos frontais. Também é dividido em três áreas: primárias, secundárias e terciárias. Inversamente ao Bloco II, são as áreas terciárias que iniciam os processos planejando as informações necessárias para a execução da ação e verificando sua eficácia, a área secundária programa as ações e a área primária, finalmente, recebe as informações das áreas secundárias e as envia para o mecanismo neuromuscular, para a realização do movimento.

É importante ressaltar que o Bloco III só funciona se vinculado aos mecanismos do Bloco II e se o Bloco I mantiver o córtex ativo, ou seja, eles funcionam de modo integrado, dependendo uns dos outros. Isso somado ao caráter plástico do cérebro humano faz com que pessoas com lesões muito parecidas não tenham necessariamente os mesmos sintomas, cada afasia é única, assim como cada sujeito é único.

Luria ainda observa que há diferenças na formação dos neurônios; nas camadas mais internas do cérebro há neurônios associativos responsáveis por atividades sensoriais específicas. Portanto, ele divide os Blocos I e II em zonas mais externas chamadas primárias, e zonas mais internas chamadas secundárias e terciárias. Tal princípio hierárquico de organização funciona da seguinte maneira: as zonas primárias do Bloco II recebem os impulsos, enquanto as primárias do Bloco III transmitem os impulsos; as secundárias do Bloco II, por sua vez, processam as informações e as secundárias do Bloco III programam as ações; finalmente as terciárias do Bloco II integram as informações e as terciárias do Bloco III planejam a execução da ação.

Essa concepção de funcionamento dinâmico do cérebro se aproxima do que foi estudado por Freud como neurologista:

Freud neurologista foi um (ilustre) desconhecido. Um dos pontos do estudo crítico sobre a afasia, de 1891, é a desconstrução do modelo teórico de Wernicke. Com elegância mostra que a afasia de condução não faz sentido, argumentando contra o conceito de hiatos funcionais (69: território cortical carente de função que separa os centros de linguagem), antecipando, por influência de Jackson, o funcionamento do cérebro em campos corticais, como da ordem de várias partes e níveis hierárquicos {tal como Luria, meio século depois, bem formulou [sem nunca (quem sabe?) ter lido Freud] como da ordem de sistemas funcionais, com base em Anokin (1935)}. (COUDRY, 2002).

É interessante destacar, sobretudo seguindo o estudo de Freud (1891) sobre as afasias, que seus sintomas podem ocorrer também em sujeitos não afásicos, o que lhes atribui um carácter funcional, aliviando seu traço orgânico. Diante dessa visão funcional, considera-se o sujeito em vários aspectos, como ressalta Coudry (2017) “em muitos casos [a afasia], afeta, ainda, o corpo e a manipulação de objetos e gestos representativos de suas ações, a percepção, o raciocínio intelectual, a atenção, a vontade, a imaginação e a iniciativa.”

Na obra de Luria não há apenas uma possível aproximação com Freud, como também uma leitura direta de Jakobson:

Há influência mútua entre Jakobson e Luria; além de contemporâneos, leram-se e aplicaram princípios teóricos um no campo do outro de forma a teorizar, o primeiro sobre a Lingüística e o segundo sobre a Neuropsicologia e a Neurolingüística. Essa mútua possibilidade mostra a força de uma teoria consistente, no caso, do funcionamento da linguagem e do cérebro. Jakobson não precisou ver nenhum paciente afásico para teorizar sobre afasia - e acertar. (COUDRY, 2002)

Para Jakobson (1977), há dois tipos de afasia, motora e sensorial, que decorrem de dois aspectos da linguagem respectivamente: a contiguidade, ligada à combinação e a similaridade, relacionada à seleção. Luria (1976) relaciona essa teorização feita por Jakobson aos seus seis tipos de afasia, sendo as afasias motoras eferente, aferente e dinâmica como distúrbios de contiguidade e as afasias sensorial, semântica e amnésica como distúrbios de similaridade.

Diante desse funcionamento integrado e hierárquico e da noção de plasticidade, podemos depreender também as noções de sujeito e de linguagem que permeiam essa visão do cérebro humano:

[...] o homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, forma planos e programas para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se

conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem verifica a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido. (LURIA, 1981, p. 60).

A linguagem, portanto, não está localizada em uma área específica do cérebro como acreditam alguns neurocientistas localizacionistas, mas é fruto da articulação de todas essas áreas funcionando juntas e sistemicamente. Essa perspectiva também só é possível se não pensarmos a língua como mero meio de comunicação, mas como uma parte fundamental do processo de cognição (LURIA, 2008).

Tais concepções de cérebro e de língua são importantes, portanto, para se opor a ideias que podem ser encontradas em diferentes áreas do conhecimento, de que o cérebro seria como um computador, ou ainda, que seria um instrumento de processamento de informação, apenas. Por mais que os avanços nas áreas de Inteligência Artificial (IA) tenham sido baseados em Redes Neurais que simulam o funcionamento - em rede - do cérebro, para a ND não se pode reduzir o sujeito a isso, como acontece em diversas abordagens das ciências da cognição. Quando estudamos afasia, não olhamos apenas para a lesão cerebral do sujeito, não nos esquecemos que esse sujeito tem corpo, histórias, línguas, relações, sentimentos e vive em um determinado tempo e espaço na história.

1.4 O que é um dado para ND

O modo como se concebe a linguagem e o cérebro, para a ND, ilumina a visão do pesquisador sobre o dado e o recorte que é feito sobre o fenômeno. Em se tratando de trabalhos com sujeitos, em especial com sujeitos afásicos, a concepção de linguagem ilumina não apenas o dado, mas também estabelece o modo como se darão e serão observadas as relações entre os sujeitos envolvidos nas práticas com a linguagem. O que acaba por gerar outro tipo de avaliação de linguagem, que olha para aquilo que o sujeito está fazendo com a língua, dentro das possibilidades, muitas vezes não 'oficiais' de funcionamento da língua (COUDRY, 2002, 2008, 2012, 2018), e não para aquilo que falta no sujeito para atingir uma determinada norma(lidade).

Em seu texto *O que é dado em neurolinguística?*, Coudry analisa três tipos de dado: dado-evidência, dado-exemplo e dado-achado, e expõe as concepções de linguagem nas quais cada tipo fundamenta a sua escolha teórico-metodológica pelo terceiro tipo. Segundo a autora, o dado-evidência (muito comum no final do século

XIX) se baseia em um conjunto de técnicas psicométricas que supõe a língua como um sistema homogêneo, já descrito, cujo teste para diagnóstico de afasia seria um porta-voz dessa descrição (COUDRY, 1996). Esses testes de avaliação e diagnóstico de linguagem, como a Bateria de Boston, têm como objetivo quantificar a redução da fala dos sujeitos afásicos, olhando para suas falhas sempre em comparação com um grupo controle não afásico, que funciona como uma garantia científica dos resultados obtidos. Nessa perspectiva, a língua, tomada como transparente, imutável e homogênea, estaria toda representada em um conjunto de perguntas descontextualizadas e a veracidade dos dados garantida pelo caráter objetivo, quantificável e reproduzível, ou seja, “científico”. Nesse cenário, observa-se também total apagamento das subjetividades, tanto dos avaliadores quanto dos afásicos, mascaradas pelas categorizações desses afásicos quanto à faixa etária, à escolaridade, ao período de instalação da afasia e ao local da lesão neurológica, fatores que parecem trazer flexibilidade e contexto à avaliação, mas que na verdade determinam e cerceiam a análise dos dados.

Outro tipo de dado que a autora analisa é o dado-exemplo, que seria uma mera ilustração de uma hipótese pré-estabelecida. Nas palavras de Dascal: “as hipóteses geralmente geram mais dados do que os dados geram hipóteses” (DASCAL apud COUDRY, 1996). Não se trata de descartar totalmente esse tipo de dado, mas quando o foco de um trabalho reside em produzir novas hipóteses, torna-se improdutivo.

Chegamos, assim, ao último tipo de dado do qual trata Coudry, o dado-achado que vem sendo desenvolvido pela autora desde seus primeiros estudos sobre afasia e que consiste nos princípios metodológicos adotados pelo presente trabalho de pesquisa. Coudry propõe, através desse conceito, analisar o que o dado significa em termos das modificações advindas da afasia e também das possibilidades que se apresentam (COUDRY, 2019). Tal modo de construção do dado concebe os estudos da linguagem patológica como um produto da articulação entre teorias sobre o objeto o qual se está estudando e práticas de avaliação e acompanhamento. Diferentemente das pesquisas quantitativas, assentadas em testes que se interessam por chegar a uma única resposta ou a um único sentido, a partir da repetição ou do controle dos dados obtidos, para Coudry interessa entender o funcionamento e os sentidos estabelecidos em uma dada situação discursiva, e o que isso pode indicar sobre a relação entre linguagem, sujeito e atividade cerebral.

O dado é *achado* porque tem alguém que *procura* um procedimento heurístico, e essa procura é guiada pelo olhar para a linguagem como atividade significativa e

incompleta (FRANCHI, 1977) e para um sujeito que é atuante na construção da significação (COUDRY, 1996). Ao tratar a linguagem como atividade significativa, o que está em questão não é um comportamento verbal, ou se um código está bem aplicado ou não, mas quais os *processos de significação* acontecem, independentemente de se encaixar ou não em uma normatividade ou padrão linguístico (COUDRY, 1996).

Enquanto na avaliação tradicional aplicam-se testes padronizados e a-históricos baseados em uma concepção normativa da língua que é, por natureza, descontextualizada e essencialmente metalinguística (Coudry, [1986] 1988; 1995; 2008; 2013; Freire, 1999; Novaes-Pinto, 1992, 1999; Coudry e Freire, 2010; Bordin, 2010; Muller, 2013; Righi-Gomes, 2014; Silva, 2014; Coudry, 2018), a avaliação discursiva estabelece um lugar de interação e de relação entre pessoas que compartilham língua e cultura, um lugar social que permite a expressão e, por conseguinte, a avaliação da *língua viva* (COUDRY, 2000). Interessa mais aquilo que é da ordem da espontaneidade, da vivência com o outro, os caminhos que o sujeito faz para dizer/mostrar algo do que atividades metalinguísticas que não retomam a função social que a linguagem tem.

Para superar esse déficit sintático, elementos da situação, do mundo, da prática social com a linguagem, do conhecimento comum entre o investigador e o paciente auxiliam na reconstrução das dificuldades linguístico-cognitivas, ou seja, nas resoluções que o sujeito vai encontrando. (COUDRY, 1996)

Tais caminhos muitas vezes são entrecortados pela afasia e estão longe de uma versão oficial da língua/discurso, mas que servem de ponte/gato² (COUDRY, 2008; ABAURRE, COUDRY, 2008) para novos outros caminhos que surgem e que se aproximam do uso que não afásicos fazem.

Nessa perspectiva, portanto, por mais que se tenha uma narrativa com uma determinada estrutura de introdução, desenvolvimento e desfecho, nem sempre há primeiro a teoria e depois o dado ou vice-versa. Os dados que serão mostrados, por exemplo, foram selecionados dentre tantos outros porque estão relacionados a uma questão que norteia as reflexões desta pesquisa(dora), mas essas reflexões não são prévias e nem posteriores ao acontecimento do dado, mas acontecem durante todo o processo.

Diante disso, é preciso um deslocamento do investigador que, em um primeiro momento, assume um papel semelhante ao do clínico, de descobrir pistas para além do

² Chamamos de ponte/gato uma relação não oficial que o afásico faz nos diferentes níveis da linguagem, como um processo alternativo de significação.

que é dito/mostrado, um olhar que a própria cena dialógica evoca e, ao mesmo tempo, o papel de investigador que se volta para o evento discursivo numa atitude contemplativa que, por sua vez, se volta para os achados em questão e sua análise (COUDRY, 1996, 2001, 2003, 2018; COUDRY e FREIRE, 2017; FREIRE e COUDRY, 2016).

Para registrar os dados foi criado em 1996 o BDN (Banco de Dados de Neurolinguística) que tem como objetivo a transcrição, o armazenamento e a busca de dados que são produzidos nas sessões individuais e coletivas do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP) e do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/UNICAMP) (COUDRY, 1996, 2001, 2003; COUDRY, FREIRE, 2016). O BDN é composto por vídeos das sessões gravadas que são transcritos seguindo um modelo que dá ênfase também às informações não verbais, além das produções escritas/desenhos, fotos e anotações das atividades realizadas, assim como imagens das atividades dos afásicos nos celulares, além do caderno de registro das sessões. Todos os dados apresentados no Capítulo 2 desta dissertação fazem parte do BDN.

É importante aqui mencionar que as transcrições e descrições que constam nos materiais que compõem o BDN têm a preocupação de relatar não somente as falas dos sujeitos, mas também os gestos, as expressões, a corporalidade, detalhes que fazem parte da cena e que, na perspectiva da ND, são essenciais para a compreensão e o trabalho com os sujeitos e os dados. No exemplo a seguir, o modo como no BDN os dados são notados, nos leva a compreender que WW completa a sua escrita com o gesto de mastigar, assim como quando representa o ovo por cima do bife com as mãos, informações preciosas que seriam perdidas de apenas a fala fosse transcrita.

Exemplo do BDN: Bife a cavalo

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal
1	WW		Tenta falar <i>bife</i> e não consegue	
2	WW		Escreve <i>bite</i>	Faz o gesto de mastigar
3	Imc	Bite	Lendo o que WW escreveu	
4	WW		Não consegue ler em voz alta o que escreveu	
5	Imc	Bife		
6	WW	Bife		
7	Imc	Então diz aí: bife a cavalo	Tom de pedido	Colocando uma mão sobre a outra representando o ovo sobre o bife

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística - BDN - CNPq: 307227/2009-0

Nessa perspectiva a materialidade do BDN é formada tanto do verbal quanto do não verbal, sendo que a relação entre eles é constitutiva das práticas com a linguagem que os falantes experimentam em sociedade (COUDRY, 1996, 2001, 2003; FREIRE e COUDRY, 2016; COUDRY e FREIRE, 2017).

1.5 Filiação à Análise do Discurso (AD)

Coudry (1896/88), ao nomear a área da qual é fundadora como Neurolinguística Discursiva, se posiciona frente às possibilidades teóricas considerando as teorias do discurso, mais especificamente a de tradição francesa com especial interesse nas questões enunciativas em relação ao lugar da enunciação e ao modo de configuração textual seguindo Maingueneau (1989, 2011). O interesse da ND não recai sobre o resultado material e simbólico do texto, mas sim na compreensão dos processos e dos fatores que estão envolvidos na produção de um texto ou diálogo (COUDRY, 1988/96).

A própria criação do BDN descrita no item anterior tem intuito de dar visibilidade à cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2008), conceito fundamental para a contemplação das diferentes instâncias, verbais e não verbais, que estão descritas no BDN. Maingueneau (2008a; 2008b) estabelece três instâncias da cena de enunciação: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Enquanto a cena englobante se refere ao tipo de discurso (como o discurso religioso, por exemplo), a cena genérica refere-se ao gênero do discurso (notícia, carta, sermão) e a cenografia é a cena efetivamente construída no próprio discurso. Tal noção de cenografia coloca a enunciação e o interdiscurso como centrais e, desse modo, se alinha aos propósitos da ND principalmente no que diz respeito às versões protocolares³ que são estabelecidas na interlocução (COUDRY, 2018).

Ou seja, os dados são produzidos na interação entre os sujeitos e as cenas enunciativas (MAINGUENEAU, 1989) que daí derivam, especialmente

³ Chamamos de “versões protocolares” as avaliações, de caráter metalinguístico ou não, não fechadas, ou seja, que podem, quando necessário, ser adaptadas ou revistas, visando compreender uma dificuldade específica de um determinado sujeito afásico. Constam, nessas versões protocolares, provérbios, piadas, textos em gêneros diversos, etc. Tais protocolos são inspirados pelos primeiros trabalhos de Coudry (1986, 1988).

as cenografias (MAINGUENEAU, 2010) compõem uma determinada versão protocolar cujo vínculo com outras é sua condição histórica de discursos anteriores. (COUDRY, 2018).

Além disso, devido à presença de dados provenientes de postagens e interações nas redes sociais que traremos nesta pesquisa, outra discussão levantada por Maingueneau se faz pertinente. Trata-se da categoria de hipergênero (MAINGUENEAU [1998] 2006; 2008B; 2010). Para Maingueneau em *Hipergênero, gênero e internet* (2010) o que está em jogo nas páginas da Web é a construção de uma identidade discursiva e, mais uma vez, a noção de cenografia se faz central pois é a partir dela que a identidade é construída na enunciação. Diante de diversas mudanças causadas pelo advento da internet, o autor afirma que não são apenas novos gêneros do discurso que aparecem, mas a própria ideia do que se considera como gênero e textualidade é posta em questão. Nesse sentido, Rezende (2017) ao buscar compreender o funcionamento discursivo de determinadas páginas⁴ da rede social *Facebook*, observa:

É nesse sentido que as noções de hipergênero e cenografia, nesse processo de teorização estabelecido por Maingueneau, devem ser tomadas de maneira inextricável, uma vez que, do ponto de vista discursivo, o conceito de hipergênero, por si só, não é suficiente para descrever/explicar processos relevantes envolvidos na discursivização. É o conceito de cenografia que possibilita a abordagem dos processos enunciativos que configuram as identidades discursivas. (REZENDE, 2017)

Ademais, Maingueneau também reforça o caráter da restrição técnica que a internet coloca, como por exemplo a falta de liberdade de escolha dos usuários quanto ao layout e às ferramentas do Facebook, que são os mesmos para todos. Essa restrição, portanto, faz com que os usuários sejam levados a construir a sua identidade nessas páginas a partir da cenografia.

Rezende (2017) também observa, no entanto, que embora se possa instituir identidades a partir de cenografias, não é apenas isso que acontece. A partir do momento em que existe uma ferramenta de compartilhamento dentro da estrutura do Facebook, tal ferramenta permite que as unidades sejam convergidas para dentro da rede social e operem também na manutenção dessa identidade discursiva, ou seja, para Rezende (2017) há um sistema de compartilhamento que converge para a formação da identidade do usuário o qual o autor denomina como *sistema de hipergenericidade*:

⁴ Rezende (2017) realiza um interessante trabalho de análise de três páginas (Pão de açúcar, Folha de S. Paulo e Quebrando o tabu) seguindo a teorização proposta por Maingueneau e propondo uma outra categorização baseada na ferramenta de compartilhamento do Facebook.

Nesse sentido, nada está disperso. Ao contrário, há uma orientação que permite atestar a identidade discursiva de cada página, especialmente observando-se o que nelas é compartilhado, [...] Dessa perspectiva, a propagada liberdade de se expressar livremente na rede social, em termos de linguagem, não procede, uma vez que a enunciação submete-se às regras de um funcionamento discursivo. (REZENDE, 2017)

A respeito desse funcionamento discursivo exposto por Rezende em seu trabalho ao analisar o funcionamento de páginas do Facebook, faz-se importante considerar também a noção de *mídiu*m a partir de Maingueneau, não apenas pelo corpus desta pesquisa consistir também em dados relativos às interações via Web, mas também na sua importante relação com os *dispositivos comunicacionais* e no fato de que o *mídiu*m é aplicado a qualquer meio pelo qual se comunica, não sendo uma exclusividade dos meios digitais e estando presente em quase todo ato enunciativo.

Nesse sentido, ao tratar da noção de *mídiu*m, Maingueneau (2008) entende que não se trata apenas de um “acessório” para enunciação, mas é uma dimensão considerada como um *dispositivo comunicacional*. Nas palavras de Rezende:

Ao examinar a postulação maingueneuniana sobre o conceito, assumimos que essa força material que o *mídiu*m evoca para o enunciado vai além do suporte físico de que ele dispõe, uma vez que não raras vezes esses dois termos aparecem na teoria significando coisas distintas: o primeiro diz respeito à circulação de discursos a partir de um conjunto de dimensões enunciativas que dão origem a um dispositivo comunicacional; o segundo diz respeito ao canal material stricto sensu de um enunciado. Ou seja, a força material que está atrelada à existência do *mídiu*m vai além de seu suporte físico, evoca um dispositivo comunicacional que configura a gestão dos enunciados. (REZENDE, 2017)

O conceito de dispositivo vem sendo trabalhado pela ND a partir de Foucault (1969, 1987, 2008) e Agamben (2009) como aquilo que delimita o que pode e o que deve ou não ser dito, lido, escrito sempre relacionado às estruturas de poder. Maingueneau, por sua vez, quando trata dos dispositivos comunicacionais o faz a partir uma ideia mais operacional, de modo a considerar como uma espécie de gestor ou regulador dos enunciados. Para fins de análise dos dados desta pesquisa considera-se principalmente a noção de Maingueneau de dispositivo comunicacional.

1.6 Ciências da Cognição, tecnologia e linguagem

As aproximações entre ciência da cognição, tecnologia e linguagem nem sempre acontecem com tranquilidade. Isso se dá pelo fato de que as concepções de linguagem e

de sujeito que atravessam alguns estudos sobre cognição e tecnologia têm dificuldade em lidar com o aspecto criativo e plástico do sentido (FRANÇOZO; LIMA; COELHO, 2004)⁵. A noção de computação clássica carrega uma concepção de sentido estática e discreta, assim como de cérebro como uma máquina de algoritmos.

Contudo, conforme avançam os estudos sobre Inteligência Artificial (IA), maior se torna a preocupação em levar o aspecto interacional em consideração. Enquanto nas abordagens tradicionais de IA o sentido localiza-se na mente de cada agente cognitivo, numa concepção que privilegie o caráter plástico e partilhado do sentido, este pode ser entendido como distribuído entre a comunidade de agentes em interação com o meio ambiente onde essa tarefa é desenvolvida, ao longo do tempo.

Diante disso, visando o estudo dessas novas interações cada vez mais presentes no cotidiano de sujeitos afásicos, propõe-se a articulação entre o que a ND já vem produzindo a respeito do funcionamento cerebral discursivamente orientado e a Cognição Distribuída (CD), um encontro possível na medida em que nenhuma das áreas se limita a pensar a cognição como algo fechado no cérebro:

Uma visão distribuída da cognição procura pelos processos cognitivos onde quer que eles ocorram, singularizando-os apenas com base nas relações funcionais dos elementos que participam no processo. Os enfoques clássicos tendem a assumir que os eventos cognitivos residem na manipulação de símbolos no interior de agentes. O enfoque distribuído envolve uma classe mais ampla de eventos cognitivos e não supõe que eles estejam limitados ao interior dos cérebros de agentes individuais. (FRANÇOZO; LIMA; COELHO, 2004)

Mussalim (2017), ao propor a articulação entre CD e ND, comenta que os fundamentos da CD foram consolidados por Edwin Hutchins na década de 1990, a partir de sucessivos estudos sobre sua aplicação na análise do processo de navegação em navios (HUTCHINS, 1990, 1995a) e da distribuição de processos cognitivos na operação de aeronaves (HUTCHINS, 1995b; HUTCHINS, KLAUSEN, 1996). Para esses autores, ao estudar um sistema de aviação, é a performance do sistema por inteiro que garante o bom funcionamento do avião, não as habilidades de um único piloto (HUTCHINS; KLAUSEN, 1996 p.3). As origens da Cognição Distribuída, entretanto, são rastreadas por Cole e Engestron (1993) desde os achados de Alexander Luria, Alexei Leontiev, Clifford Geertz, Lev Vygotsky e outros autores, para os quais a atividade mental se inter-relaciona com aspectos físicos, sociais e culturais do contexto do indivíduo.

⁵ Ver também Clark (1996), Chafe (1994), Mondada & Dubois (1995)

Mussalim, então, ao entrar em contato com a ND em um pós-doutoramento sênior realizado no IEL-UNICAMP, sob a supervisão de Coudry observou:

O que me ocorreu, entretanto, ao entrar em contato com este tipo de dado – de trabalho com um sujeito afásico em busca de reconstituição de parte da linguagem – é que a noção de artefato referida na formulação de cognição distribuída (por exemplo, um bloco de notas, um computador, etc.) apresenta apenas um viés cognitivo – na medida em que se configura como um “membro” do sistema cognitivo que agrega insumos para que se chegue a um resultado comum, a saber, o aprimoramento da cognição e do desempenho. O viés enunciativo está fora das formulações dessa concepção, apesar de a noção de interação – e de intersubjetividade – ser nodal para essa perspectiva de cognição. (MUSSALIM, 2018)

Diante disso, Mussalim pondera: como considerar a escrita como artefato se, nos casos de afasia acompanhados por Coudry no CCA, a escrita toma um lugar de reconstituição de linguagem. Assim, através de seu olhar sobre as sessões do CCA, Mussalim propõe uma releitura do conceito de artefato como proposto pela CD à luz de uma teoria enunciativo-discursiva. A autora passa, então, a incorporar o conceito de *dispositivo comunicacional* (MAINGUENEAU, [1998] 2002, [2005] 2006, [2014] 2015) à teorização da CD. Tal conceito implica, ao mesmo tempo, a ideia de “disparo da enunciação” e de coerção e abarca tanto as noções de gênero de discurso quanto de mídiu. A ND tem lidado com os gêneros discursivos, seguindo Maingueneau, considerando, pois, que eles *puxam* a língua(gem) em uma certa direção, com um léxico e uma sintaxe compatível a quem é dirigido.

É possível articular a noção de mídiu, ainda, com a as ideias de McLuhan, um dos teóricos mais importantes da área de tecnologia, uma vez que esta dissertação se propõe a analisar dados de tecnologia digital. McLuhan é autor da conhecida frase “o meio é a mensagem” que já em 1964 dizia que, enquanto as tecnologias mecânicas projetavam nossos corpos no espaço, a tecnologia elétrica projetaria nosso próprio sistema nervoso central para todo o planeta, abolindo o tempo e o espaço. Nesse sentido, pensar que “o meio é a mensagem” vai ao encontro da noção de mídiu de Maingueneau:

Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que mídiu não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime em certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiu não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiu modifica o conjunto de um gênero de discurso. (MAINGUENEAU, 2004 p. 72).

Se a mudança de *mídiu* modifica o conjunto de um gênero, quando se trata de uma mudança, como veremos nos dados, do uso da agenda para o uso do smartphone - e

dos diversos gêneros que existem a partir dele - é possível observar alguns condicionamentos e possibilidades que esses *mídiuns* digitais colocam ao sujeito em seu uso. O aparecimento de novos *mídiuns*, com o celular e suas interfaces, *puxa*⁶ a mensagem (a enunciação) para uma determinada direção, que deve seguir as normas do mídiun para fluir, com seus interlocutores (internautas).

Outro aspecto que aproxima a CD da ND é a descentralização do cérebro. Ao se afastar de uma concepção que foca a análise em única parte do sistema que comandaria todo o resto (como é o cérebro muitas vezes para diversas abordagens que levam o prefixo neuro no nome), a CD privilegia a relação entre as partes e tal fato nos interessa na medida em que é a interação (mais utilizada por psicólogos e neuropsicólogos) ou interlocução (mais utilizada por linguistas e estudiosos da linguagem) um dos pontos mais importantes para a ND. É importante ressaltar que tanto o caráter distribuído da CD, quanto o enunciativo-discursivo da ND, não se referem meramente a um compartilhamento (de sentidos, ambientes, linguagens, etc.) mas a um funcionamento sistêmico que possibilita caminhos acionando subsistemas (como é o cérebro, como é a língua, como é o corpo).

Nesse sentido, essas abordagens (CD e ND) funcionam como contradiscursos⁷ para concepções neurocêtricas de subjetividade. Para Vidal e Ortega (2019)⁸ desde a década de 90, período conhecido como “a década do cérebro”, vem sendo difundida a ideia de que a mente é o que o cérebro faz e que o ser humano seria redutível a seu cérebro. A partir daí surgem os mais variados assuntos prefixados com *neuro*: neuroeducação, neuropsicopedagogia, neurocoaching, neuronutrição, etc.. Tal prefixação, por vezes até cômica, indica um movimento centralizador em relação às causas de diversos distúrbios/transtornos/desvios (alimentares, comportamentais, emocionais, mentais), tudo seria - apenas - uma questão cerebral (MOUTINHO 2019; MOUTINHO, COUDRY, 2019; COUDRY, 2019). Moutinho, ao entrevistar professores

⁶ Utilizamos "puxa" pois entendemos que não se trata apenas de um condicionamento da enunciação ao mídiun, mas de um disparo da enunciação a partir de determinado mídiun.

⁷ A ND propõe práticas com a linguagem que funcionam como contradiscurso (COUDRY, 2010; 2013; ANTONIO, 2011; SILVA, 2014) para enfrentar a patologização, mostrando que existem outros caminhos, tanto para os sujeitos afásicos quanto para as crianças com dificuldades escolares, em função da força criadora da linguagem e da plasticidade cerebral. Ver: COUDRY, M.I.H. Controvérsias na patologização e contradiscursos na afasia e na infância. Seminário Proposto. Seminário do GEL, 2019.

⁸ Autores do livro "Somos nosso cérebro? Neurociências, subjetividade, cultura" da N-1 Edições (novembro 2019)

da educação básica quanto à formação continuada e ao encaminhamento de alunos diagnóstico de déficit de linguagem, comenta:

As entrevistas mostraram que o discurso médico e as neurociências ocuparam, de certo modo, um lugar que não lhe pertence para avaliar as dificuldades escolares e o peso científico que carrega torna difícil ou quase impossível que surjam dúvidas e questionamentos por parte do professor. E é justamente pelo fato de que esse discurso ocupa os cursos de formação e que toma a frente quando se trata dos supostos transtornos de aprendizagem que as ciências que toma a patologização como objeto não podem deixar de reivindicar a voz e a vez neste debate, encontrando soluções para ultrapassar os muros das universidades e deixar de ser, como apontou uma das entrevistadas, teoria da conspiração. (MOUTINHO, 2019 Pp. 330)

Diante disso, temos considerado a articulação entre CD e ND produtiva não apenas como possibilidade teórica e de análise de dados de linguagem, mas também como contradiscurso, reforçando que a afasia não é *apenas* um fenômeno neurológico, mas envolve complexas relações entre o cérebro, o corpo, o sujeito, a língua, as tecnologias. A afasia, como mostram os primeiros estudos discursivos da afasia, envolve a enunciação para outro, ou seja, a (inter)subjetividade, além da incompletude do sujeito falante (COUDRY, 1986).

1.7 O *corpo a corpo* da ND

A medicina vê o corpo como algo que tem que funcionar, possui uma função Mas o que é a funcionalidade? Como dizer que um corpo funciona? Com base em que corpo s/ e rotula um corpo com deficiência, por exemplo? O que é ser funcional e normal? uma pessoa que fala? É uma pessoa que anda? Uma pessoa que enxerga? Isso é baseado em que? (MARCO, 2020)

As afasias afetam não apenas a fala, a leitura e a escrita, mas modificam diferentes esferas da vida dos sujeitos. Desde aspectos psíquicos, corporais, perceptivos até aspectos sociais, culturais e afetivos. Na maioria dos casos, os afásicos precisam se afastar do trabalho e, no processo de aposentadoria por invalidez, podem chegar a perder até 70% de seu salário, como foi o caso de MP. As relações afetivas passam por um certo estranhamento, que o próprio sujeito enfrenta consigo mesmo, pois os humores, os trejeitos, o jeito de falar, as expressões faciais, os movimentos do corpo, tudo é afetado, em diferentes modos e níveis, quando se tem uma lesão cerebral. Essas modificações podem afastar ou aproximar - a depender da história de vida de cada sujeito e de suas relações - os familiares, amigos, companheiros.

Na esfera social, especialmente no âmbito da área da saúde, no entanto, o afastamento de afásicos das atividades se torna mais comum do que sua inclusão. Segundo o relato de MP, “Ele, o mais lá [se referindo ao médico], falou que eu ficar só assim pra sempre [fazendo o gesto de ficar parada sentada na cadeira], eu falei para eu não”. MP relatou também que a fonoaudióloga que primeiro a atendeu disse para a mãe dela que ela nunca mais iria voltar a falar. Depois disso MP não voltou mais para o acompanhamento fonoaudiológico.

O sujeito afásico costuma ser, portanto, considerado com um não-sujeito, sem autonomia, sem direitos trabalhistas que contemplem as suas necessidades, sem perspectiva de melhora. São corpos excluídos e escolhidos para se tornarem inertes na sociedade. A ND, por sua vez, faz frente aos dispositivos que criam e regulam doenças na contemporaneidade:

O que Foucault formulou como corpos dóceis sujeitos a dessubjetivização, Agamben reinterpreta na contemporaneidade como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivização que não correspondem a nenhuma subjetivação real (p. 48). Isso me faz lembrar 2004 quando o CCazinho começou e ao primeiro encontro observei que os corpos das crianças eram debruçados sobre a mesa numa atitude inerte como quem não se interessa por nada. E isso mudou completamente com a motivação e vontade de aprender [que preparam a atitude de atenção (Vygotsky, 1926/2004)]. (COUDRY, 2017)

Vivemos, portanto, em uma sociedade que dessubjetiviza e patologiza os corpos, privilegiando a atitude de inércia e excluindo modos de existência que fujam a um determinado padrão submetido a dispositivos de diferentes ordens (COUDRY, 2014). Em contrapartida desse movimento, a ND, desde seus primeiros estudos (COUDRY, 1986), por trabalhar com sujeitos reais, não tem um padrão a seguir em termos de língua, fala e escrita. Procura conhecer o sujeito e sua história, para daí propor um conjunto de atividades discursivas para avaliação e acompanhamento de suas dificuldades. Por isso não se submete a testes padronizados e se envolve em práticas com a linguagem que caracterizam o caso. Isso não quer dizer, como mostram Coudry e Freire (2017), que não proponha experimentos com a linguagem que guiam a interpretação teórico-metodológica. Ver, a propósito, as atividades propostas a P no Diário de Narciso (COUDRY, 1986) que expõem em sua fala o agramatismo ao mesmo tempo em que vislumbram processos alternativos de significação que o fazem lidar com suas dificuldades. Nesse sentido, é privilegiando tais processos que a ND abre as possibilidades para os sujeitos afásicos atuarem como sujeitos ativos na sociedade. Muitos dos processos de significação que se apresentam como modo para o afásico se

expressar envolvem sistemas não-verbais (gestos e demais expressões corporais, relações com objetos, encenações) e por isso são chamados de “alternativos” podendo ser previstos pelo próprio sistema da língua ou não (COUDRY, 2010). Tal articulação entre o verbal e o não verbal para Coudry (2006), seguindo a teorização o linguista Jakobson (1955/1970), corresponde à tradução intersemiótica. O dado a seguir é descrito por Coudry (2007) e ilustra bem essa questão:

Dado 1: Do gesto para a palavra

Na avaliação de MZ, a investigadora e MZ conversam sobre as frutas dispostas em uma cesta na mesa em que estão os dois. MZ nomeia uma série delas sem titubear e pára diante da fruta mamão. Tenta nomear e não consegue. A investigadora apenas levanta a mão direita balançando-a de um lado para o outro e imediatamente MZ diz mamão. O que ele faz? Traduz do gesto com a mão para a palavra, o que o faz completar a palavra desejada e dizer mamão. O gesto é tomado por MZ como um processo alternativo para dizer o que não podia dizer e possibilita que transite da representação-de-palavra (mão/uma mão/mamão) para a representação de objeto (mamão) [FREUD, 1891/1973] compondo um complexo trabalho lingüístico-cognitivo que envolve todo o cérebro, fundamental para o rearranjo funcional que restaura as condições postas pela afasia.

Levando a articulação entre o verbal e o não verbal em consideração, Coudry propõe como prática com a linguagem para sujeitos afásicos a encenação/dramatização de *sketches*, culturalmente motivados, considerando-a uma Versão Protocolar, porque inacabada em detrimento de manuais e cartilhas usadas para o acompanhamento de sujeitos afásicos que apresentam atividades fechadas em si mesmas, descontextualizadas e padronizadas. A motivação teórico-metodológica de Coudry para trabalhar com a encenação envolve a representação de cenas enunciativas (FILLMORE, 1975; MAINGUENEAU, 1989) que mobilizam processos de significação verbais e não verbais.

Trata-se de situações pragmáticas partilhadas por interlocutores de uma dada comunidade discursiva que partilham uma memória construída e em construção (uma cena entre patroa e empregada, um vendedor que bate à porta com uma entrega, um telefone que toca, uma carta que chega etc.). Envolve a práxis e nosso aparelho senso-perceptivo. A proposta terapêutica de vivenciar uma cena do mundo - que pode ser expressa verbalmente de muitas formas - possibilita ao sujeito uma projeção do que pode e consegue dizer, usando de fato a linguagem para isto, lidando com a linguagem e a afasia, em meio às formas que a língua dispõe - e as que permite ou não “criar” (força criadora da linguagem) - e às coordenadas da situação pragmática em questão. (COUDRY, 2003)

Através dessa atividade é possível avaliar a linguagem em funcionamento em todos os seus níveis - fonológico, morfológico, sintático, semântico assim como

observar a relação da língua com aspectos culturais, sociais, pragmáticos, ou seja, a língua em funcionamento. Nessa prática discursiva, portanto, é integrado também o corpo em sua multiplicidade e nas suas (im)possibilidades, visto que um trauma cerebral, seja um AVC ou um TCE, afeta não só a fala, a leitura e a escrita, que envolvem o corpo em suas produções, mas o funcionamento do corpo como uma unidade. Grande parte dos afásicos que sofreram AVC, por exemplo, têm como seqüela uma hemiparesia, ou seja, fraqueza muscular ou paralisia parcial de um lado do corpo que pode afetar os braços, as pernas e os músculos faciais. Diante dessa dificuldade, muitos afásicos que são destros têm que aprender a escrever (dentro de vários outros movimentos do dia a dia) com a mão esquerda.

O próprio uso do celular é afetado pelo corpo, segurar o aparelho e ao mesmo tempo digitar as palavras, assim como o usar recursos para fins que antes não eram utilizados (como veremos nos dados), são aprendizados que se configuram como novidade na vida dos afásicos. Essa relação entre o velho e o novo nas afasias vem sendo estudada por Coudry, a partir da literatura sobre afasia com Jackson (1874) e, no século XX, com Goldstein (1948) e Luria (1977), que tratam do automático e do voluntário, bem como Freud (1891/1973) do velho e do novo. Enquanto o automático/velho é conhecido, irrefletido, familiar, o novo se apresenta como o desconhecido, irrefletido (COUDRY, 2003). Muitas vezes o que antes era automático, na afasia se configura como novo. Não se trata, todavia, de reaprender a falar, ler ou escrever, mas de descobrir as novas barreiras - e os novos caminhos - que se colocam diante daquele sujeito:

É justamente na mobilidade da barra que separa o velho do novo que incidem as afasias. Afásicos perdem a intimidade com a língua estabelecida ao longo da vida; e muito do que dispunha da língua e seu funcionamento se apresenta como novo, rompendo a anterioridade lógica da entrada da criança na língua, capturada pelo funcionamento da linguagem. A mobilidade da barra - que nem sempre é a mesma - determina o que é da ordem do normal e o que é da ordem do patológico, a depender de fatores fisiológicos, psíquicos e históricos que, por um lado, funcionam como dispositivos biológicos e históricos que regulam/condicionam os diferentes modos de viver em sociedade e que, por outro, representam cada sujeito em particular. (COUDRY, 2008)

Assim, na perspectiva da ND, é considerando o sujeito afásico como uma unidade, inclusive na sua incompletude (como todo ser humano), que as possibilidades se fazem mais presentes. Ao considerar o sujeito como aquilo que “resulta da relação e, por assim dizer, o **corpo a corpo** entre os vivos e os dispositivos” (COUDRY, 2010)

[grifo meu] retira-se o estigma do afásico como aquele que é incapaz de se comunicar, pois sendo produto de uma relação, a incapacidade reside somente naqueles que se recusam em estabelecer essa relação. Nas palavras de MP “aqui [no CCA] a gente fala”.

Capítulo 2 - AS HISTÓRIAS DE MP E CL

Eu sei o que é, mas eu não sei falar.

MP

2.1 Personagens e ambiências

Nesse tópico, apresentaremos os sujeitos cujas falas, leituras e escritas formam o conjunto de dados desta pesquisa. Contamos um pouco de suas histórias, trajetórias e, principalmente, a passagem de cada um pelo CCA, local onde os acompanhamentos longitudinais (de 2016 a 2019) foram realizados.

O CCA (Centro de Convivência de Afásicos - IEL/ Unicamp) segue o princípio teórico-metodológico da perspectiva discursiva introduzida na área de neurolinguística da Unicamp, que relaciona cérebro e linguagem, colocando-os como aspectos formais, sociais, historicamente situados. Foi criado em 1989 por uma parceria do DL (Departamento de Linguística IEL-Unicamp) e o DN (Departamento de Neurologia FCM-Unicamp) sendo a professora Maria Irma Hadler Coudry a responsável por essa fundação no IEL. Ele funciona como espaço de convivência entre sujeitos afásicos e não afásicos (familiares, pesquisadores, estagiários, alunos em formação, professores pesquisadores na área). As sessões do CCA são semanais e têm duração de duas horas, e por diferentes vias (indicações, encaminhamentos, pesquisas na internet), as pessoas encontram o Centro começam a frequentá-lo⁹. O foco do CCA é o uso da linguagem nas atividades propostas, partindo de pressupostos que o caracterizam como uma comunidade de fala:

Acreditamos que, além de descrever e caracterizar o CCA como uma comunidade de fala, a partir da prática (clínica) com a linguagem, nela exercida, nosso estudo possibilita repensar os chamados “programas de reabilitação” correntes na prática terapêutica com sujeitos em estado de afasia, que pautam a avaliação e a terapia em tarefas essencialmente metalingüísticas (que ainda assim não recobrem a totalidade das atividades metalingüísticas) e não na linguagem em funcionamento e uso por sujeitos falantes. Com a descrição do funcionamento da comunidade CCA, a partir da prática (clínica) com a linguagem que nela se exerce, esperamos ter mostrado

⁹ São três Grupos de Pesquisa coordenados por docentes da área de neurolinguística. O Grupo I é coordenado pela Prof.^a Edwiges Morato, O Grupo II pela Prof.^a Maria Irma Hadler Coudry e o Grupo III pela Prof.^a Rosana Novaes-Pinto.

que esses sujeitos precisam – e desejam - conviver em sociedade para que suas vidas façam sentido e sejam retomadas. (SAMPAIO, 2016 p. 161)

Esta pesquisa parte dos encontros realizados pelo Grupo II coordenado pela Professora Coudry (a partir desse momento referida como Maza), que acontecem às sextas-feiras das 9:00 às 11:00. Nesses encontros realizamos atividades da vida em sociedade, como cozinhar, comentar notícias da semana, compartilhar novidades, falar/escrever receitas e dicas. Além disso, a professora Maza procura tematizar a linguagem nas afasias com os próprios sujeitos afásicos, comentando sobre as dificuldades de cada um, a relação dessas dificuldades com a lesão e também o progresso de cada caso. A partir desses comentários os afásicos compreendem as suas dificuldades e as dos outros e adquirem mais recursos para lidar com suas dificuldades

Os dados de MP e CL foram os escolhidos para integrar esta dissertação justamente por apresentarem questões sobre a presença de tecnologia digital no cotidiano desses dois sujeitos, e foram anonimizados para garantir que não sejam identificados. O tempo do recorte da pesquisa é desde março de 2016 até o presente momento e, além dos sujeitos mencionados, consideraremos outro que faz uma participação especial nas interações: JP. Além disso, os próprios pesquisadores também participam dos acontecimentos narrados: Ijd (Investigadora Júlia Dias) e Imc (Investigadora Maza Coudry).

As atividades propostas pelos investigadores, com base nos pressupostos teóricos-metodológicos da ND, não têm como finalidade a produção de um texto ou de uma fala por si só, mas a eventual produção é pré-texto para a interação verbal e não verbal entre os sujeitos. Atividades sistemáticas que fazemos, por exemplo, é comentar o noticiário (falado, escrito), ler e propor títulos às fotos do jornal do dia. Também compartilhamos e relatamos coisas que realizamos durante a semana, pois interessa mais aquilo que é da ordem da espontaneidade, da vivência com o outro, do que atividades metalinguísticas que não retomam a função social que a linguagem tem para todos os participantes do grupo (inclusive para os próprios investigadores).

Em suma, o CCA, como o próprio nome já diz, é primeiramente um espaço de convivência. Nele, fazemos aquilo que fazemos também fora dele, conversamos, cozinhamos, comemoramos, passeamos, fofocamos, cantamos, discutimos, trocamos experiências, relatos, narrativas. Também fazemos atividades direcionadas de fala, leitura e escrita, assim como discutimos os casos entre todos, inclusive os próprios afásicos, que fazem perguntas, comparam suas dificuldades e, ao mesmo tempo que

forneem informações importantes para os investigadores, entendem melhor esse fenômeno que os acomete nas suas particularidades, que é a afasia. Também fazemos experimentos com a linguagem, em um ambiente *discursivo experimental* cujo objetivo não se assemelha aos testes padrão que têm como fim a avaliação e terapia, mas serve para conhecer os sujeitos, seus processos e compará-los (COUDRY, FREIRE 2017, COUDRY, 2019). Se não consegue formular um enunciado com todos os constituintes, por exemplo, o que o afásico privilegia, o que dispensa? (COUDRY, 2019). E, mais especificamente no contexto desta pesquisa, o que se pode depreender do arranjo sintático-semântico nos ambientes digitais?

Para aquelas pessoas que nunca tiveram contato com algum sujeito afásico e estão lendo este trabalho é necessário ter uma informação em mente ao ler os dados: há muita fala no CCA. Ou, melhor, nas palavras de quem que começou esse trabalho: há linguagem na afasia (COUDRY, 1986; 2001).

2.2 O sujeito MP

MP nasceu em Araçatuba, interior de São Paulo em 1977. Mudou-se para Indaiatuba segundo ela porque “aqui era bom [fazendo sinal de dinheiro]”. Mulher, mãe-solo de duas meninas (atualmente a mais nova tem 13 anos e a mais velha 20 anos), trabalhou por muitos anos como auxiliar administrativo em um Aeroporto Internacional. Foi se deslocando de moto do trabalho que MP sofreu um acidente na pista, do qual lembra apenas de acordar já no hospital 30 dias depois, período que ficou em coma. O acidente resultou em uma lesão na região parieto-temporo-occipital do hemisfério esquerdo do cérebro.

Fala de MP: “O filha, cê não tá vendo que eu não sei falar?”

A maior queixa de MP desde que chegou ao CCA foi a de “só queria isso aqui só”, fazendo um sinal em frente à boca para se referir à fala. Nessa época MP falava muito pouco, estava sempre desanimada e falava que não sabia mais falar, nem ler e nem escrever. Não gostava de fazer nenhuma atividade que envolvesse a escrita e repetia várias vezes “não sei falar, deixa pra lá”. Com a convivência e seus interlocutores insistindo para que tentasse falar com os recursos que lhe fossem

possíveis, foi compartilhando suas dificuldades, sua história, recuperando seu ânimo e, por consequência, a sua produção de fala aumentou consideravelmente.

A principal característica de sua fala que chama atenção é a não nomeação, MP é capaz de falar diversas palavras e tem uma volume de fala relativamente fluente, mas sobretudo faltam-lhe os nomes. Mesmo tendo uma produção de fala relativamente fluente, a sensação de não falar ainda é muito presente. Uma frase que ela sempre repete é “eu sei o que é, mas eu não sei falar”. Semelhante ao caso de L., sujeito acompanhado por Coudry, que em um dos dados analisados pela autora afirma: “Não sei nada. Não sei falar nada. Não sei palavra nenhuma. Não sei mais as palavras.”, sujeito L (COUDRY, 1986 p. 267).

Com uma dificuldade de nomeação desse tipo, somada ao não reconhecimento do alfabeto, seria de se esperar que MP precisasse de ajuda para fazer atividades cotidianas, como ir ao supermercado, por exemplo. Ela, no entanto, faz tudo sozinha, e ainda, quando encontra alguém com quem precisa falar, mas a pessoa não entende a sua dificuldade, fala: “O filha, cê não tá vendo que eu não sei falar?”. Esse falar sobre sua própria dificuldade é fundamental tanto para que o investigador compreenda quais são as reais dificuldades e os processos pelo qual ela passa, quanto para que ela mesma se torne ciente de sua afasia e possa fazer parte da discussão do seu próprio caso. Dessa forma, é possível que o sujeito saia da posição de paciente, como aquele que espera que lhe digam o que está acontecendo com ele, e tome a posição de agente, posição que demanda processos linguísticos, metalinguísticos e epilinguísticos (COUDRY, 1986), ou seja, que se articulem processos em favor da reconstrução do sentido.

Por mais que tenha aumentado a sua produção de fala, raramente durante o acompanhamento MP realizou alguma nomeação e a principal estratégia que utiliza para driblar essa falta da palavra é produzir circunlóquios, ou seja, dizer com outras palavras o que gostaria de dizer com a palavra que falta. Quando ela quer se referir à Prof.^a Maza, por exemplo, fala “a mais lá”, indicando que se trata de uma mulher pelo artigo feminino e que essa mulher mantinha uma posição superior aos outros, ou seja, que era a professora responsável pelo CCA.

Data	Fala de MP	Contexto
------	------------	----------

22/03/2019	Aqui é tudo mais [fazendo sinal de dinheiro com as mãos]	Imc pede que MP fale que aqui é tudo mais caro. MP não consegue.
22/03/2019	Claro filha, é dela, eu quero eu	Sobre ter a própria casa e não morar mais com a mãe
28/06/2019	Eu falo não é você, é o resto	Sobre não deixar a filha ir pra escola sozinha
28/06/2019	Eu gostei ela	Sobre a fono, parou de ir porque a profissional falou para a mãe dela que MP nunca mais iria falar.

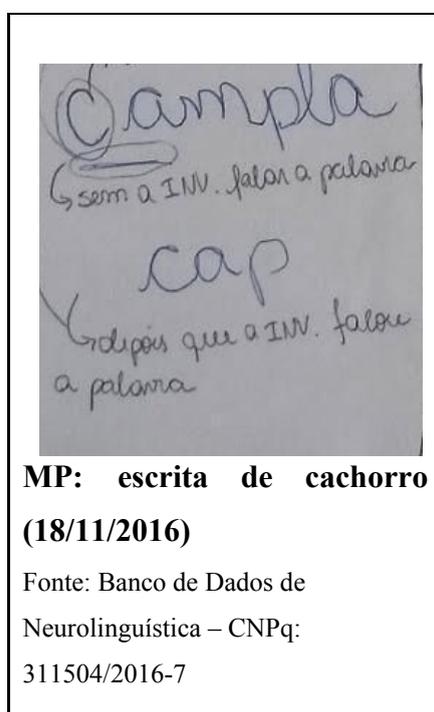
Nesses dados, vemos que a falta da palavra causa também um efeito no arranjo sintático do enunciado (COUDRY, 1993). Atribuimos tal (re)arranjo a um ambiente discursivo que privilegia o sujeito:

[...] seguindo Goldstein, interpretamos que, no início do acompanhamento, MP se serve de instrumentalidades e de *detours* para falar e o ambiente discursivo em que está envolvida (no CCA e em suas relações afetivas) a faz rearranjar suas escolhas linguísticas e lidar melhor com a linguagem. Seguindo Jakobson, MP reelabora a relação entre as palavras no eixo sintagmático, de modo a apresentar enunciados mais completos. Seguindo a proposta de tradução de Coudry na afasia, vimos que ela é fértil para MP fazer/mostrar o que não consegue dizer. (COUDRY; DIAS, 2019)

Escrita de MP: semelhanças com o caso Zazetsky

Quando chegou ao CCA em 2016, MP se dizia incapaz de ler e escrever. Tal dificuldade com a escrita é, por vezes, comum em sujeitos com afasia, mas no caso de MP não era possível mais *reconhecer* o alfabeto, apesar de não haver problemas de visão. Devido ao comprometimento occipital do TCE que sofreu, a análise/ síntese de processos perceptivos que envolvem os processos visuais é um lugar de dificuldade de MP. Esses fatores fazem com que várias entradas para ler, escrever e falar estejam barradas (COUDRY, 2010, 2011; COUDRY, BORDIN; 2012).

No dia 18/11/2016, foi realizada uma atividade em uma reunião do CCA, na qual os participantes tinham que pensar em alguma coisa, ou seja criar uma imagem mental, e tinham que expressar esse pensamento de alguma forma, que poderia ser através de um desenho, da escrita ou da fala. MP para se referir a “cachorro”, desenha três cachorros na folha, que correspondem aos cachorros que tem em sua casa. Ela não consegue produzir a palavra “cachorro” nem o nome deles, mas afirma que são todas “elas”, para indicar que são fêmeas. A partir disso, inicia-se a empreitada de escrever a palavra cachorro. Primeiramente, a Ijd escreve a primeira letra da palavra cachorro como *prompting* escrito, MP completa “Campla” com letra cursiva. Nessa etapa, ninguém havia dito ainda a palavra "cachorro", apenas havia sido desenhada. Depois, Ijd. diz em voz alta a palavra cachorro e salienta que a sílaba “Ca” está correta. Então MP escreve “Cap”, mas percebe que não é isso e decide não tentar mais escrever.



Nesse dado, podemos ver que MP, às vezes, consegue recuperar as primeiras letras das palavras, no caso “ca” de “cachorro” ou quem sabe “cachorra”. Contudo a recuperação dessas letras não se dá por vias de associação da letra “c” com a letra “a”, MP não consegue decompor a palavra em sílabas e, por sua vez, as sílabas em letras. Não consegue também perceber a diferença, nem na escrita, nem na fala, dos fonemas como por exemplo a sequência /la/ /le/ /li/ /lo/ /lu/ é, para ela, a mesma coisa, ou nas palavras dela “você fala é o mesmo”.

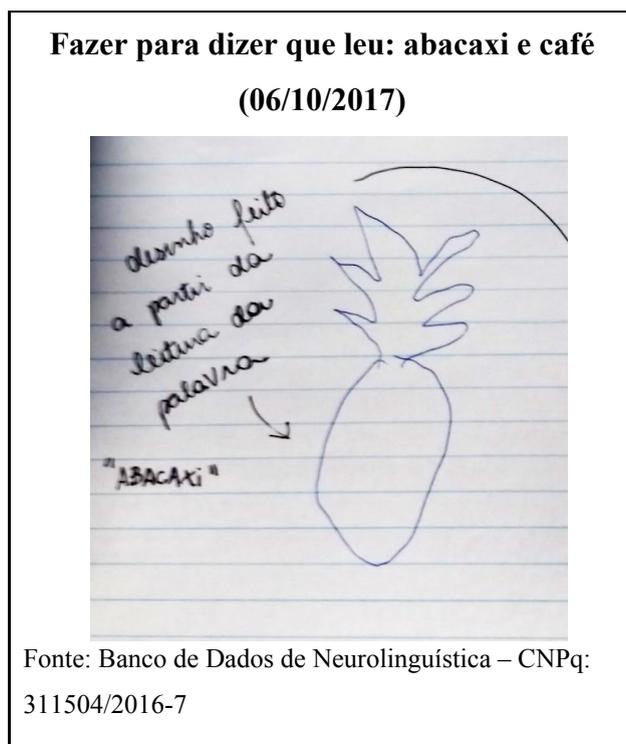
Por um tempo, insistimos na escrita cursiva, inspiradas pelo caso de Zazetsky acompanhado por Luria por mais de 20 anos e que rendeu o livro em co-autoria de ambos “O homem com o mundo estilhaçado”. Nesse livro, Zazetsky narra sua dificuldade com a escrita: “Todas as letras - e até mesmo parte da palavra - são tão sem sentido para mim como seriam para uma criança que jamais tivesse visto uma cartilha ou um alfabeto” (LURIA, 2008 p. 83), caso muito semelhante ao MP. Segundo Luria, esse não reconhecimento se deve ao fato de que a lesão havia afetado a região occipital “exatamente as partes do cérebro que possibilitam que alguém avalie o que viu, como diriam os neurologistas, que sintetize simultaneamente partes distintas em um todo completo” (LURIA, 2008 p.128). Algo muito semelhante ocorreu com MP, porém, diferente de Zazetsky, MP não mostrou interesse em insistir na escrita e, de fato, escrever era um trabalho custoso e demorado para ela, mesmo sendo uma atividade que desempenhava cotidianamente antes do acidente.

Leitura de MP: fazer para dizer que leu

Uma manhã, ao chegar no CCA, MP contou que não conseguia reconhecer as letras, nem nomeá-las, em suma, que não conseguia ler, “eu olho e nada” dizia. Para explicar melhor contava um episódio que aconteceu quando ela foi tentar renovar a carta de motorista. MP conta que no exame de vista, quando o médico olhou para ela e percebeu sua dificuldade com a fala e suas marcas corporais da hemiparesia, falou que ela estava pior do que ele imaginava e que não seria possível renovar a carta. Ela, então, falou para o médico que se ele desse isso aqui (fazendo sinal de escrever, para indicar uma caneta) ela conseguia. O médico lhe deu a caneta e realizou o teste de visão. De fato, MP não tem nenhum problema de visão e conseguiu desenhar todas as letras que estavam no teste, muito embora não soubesse nem o nome nem o significado de cada uma delas. MP teve a sua carta de motorista renovada.

No começo do acompanhamento no CCA, MP realmente parecia não conseguir nem mesmo reconhecer as letras, sabia apenas a primeira letra do seu nome, do nome da mãe e no nome das filhas. Às vezes, segundo ela, conseguia escrever seu nome inteiro e também reconhecer quando via seu nome escrito. Com os acompanhamentos e as atividades, MP foi percebendo que conseguia reconhecer algumas palavras e quando falávamos o nome de alguma letra algumas vezes ela conseguia apontar qual letra era. O

dado a seguir mostra como MP conseguiu reconhecer a palavra “abacaxi” que estava escrita em um papel colado na testa de outro participante do CCA, para um jogo de adivinhação.



Um aspecto interessante desse dado é o fato de MP ler essas palavras mentalmente, mas não conseguir falar em voz alta, nem repetir (não aproveita o *prompting*), mas traçando caminhos alternativos (COUDRY, 1986) que são possibilitados em uma visão discursiva, no CCA, MP pôde nos mostrar através dos desenhos que tinha lido. Tal acontecimento nos faz pensar se sua dificuldade de leitura muitas vezes se apresenta para a família ou para os médicos mais severa devido à falta de oportunidade de mostrar aos outros que está lendo, que está compreendendo, que “sabe o que é, mas não sabe falar”.

Em suma, o nome da letra não é mais uma condição favorável para MP voltar a escrever, por isso não soletra, mas traduzindo (COUDRY, 2008) a forma da letra pelo gesto que a representa com a mão, consegue dizer seu nome, ou seja, soletrar. É o que acontece quando, para dizer o nome da letra M, faz seu gesto representativo com as mãos. (COUDRY. DIAS 2019)

2.3 O sujeito CL

CL nasceu em Campinas, fez faculdade de Pedagogia na Unicamp e especialização em Educação Especial na mesma Universidade. Trabalhava como professora de educação infantil em duas redes municipais da região e gostava muito do que fazia. Teve uma filha, mas o casamento não deu certo. Anos depois casou-se de novo e, com seu marido que já tinha uma filha, teve também outro filho.

CL frequenta o CCA desde 2015, quando teve um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCi) apresentando como sequela lesão nos lóbulos parieto-têmporo-frontal e na Cápsula Nuclear esquerda. Apresenta uma afasia verbal (FREUD, 1891), que afetou mais a fala do que a escrita e a leitura:

Segundo o estudo de Freud (1891), tal afasia é de natureza motora e prejudica a transmissão de estímulos que se conectam com os músculos da linguagem, com efeitos na seleção e concomitante combinação de segmentos fônicos e de palavras (Jakobson, 1956). Com essa afasia, que incide no aspecto motor da fala, com repercussão na leitura e na escrita, se desfaz o forte vínculo entre o sonoro e o motor, bem como a relação de concomitância entre eles, o que dificulta a produção verbal, além de torná-la morosa (não fluente). (COUDRY, 2012)

CL apresenta dificuldades para produzir/articular os sons da língua, com apraxia da fala. Fez acompanhamento com fonoaudióloga por alguns meses, mas parou devido à precariedade da oferta do serviço pelo hospital. A leitura e a escrita, por sua vez, estão mais preservadas, e servem de âncora, como também gestos e desenhos, para sua expressão oral. Como CL tem mais preservada a leitura e a escrita, ela utiliza bastante o celular. Uma das funções que CL mais utiliza é a correção e sugestão de palavras oferecidas pelo teclado do celular. Essa possibilidade abre portas incríveis para o processo de descoberta do próprio sujeito de como lidar com suas dificuldades, de como é possível chegar ao sentido, por tantos caminhos.

Fala de CL: Não!

Quando CL chegou ao CCA, conseguia falar algumas palavras como o seu nome, os nomes dos filhos e do marido. Ainda hoje, apresenta suave apraxia para sons posteriores e ensurdecimento dos sons sonoros, ou seja, precisa de bastante esforço articulatorio para produzir, mas consegue no final. Retomando as observações de Freud (1891) é como se a imagem motora que ela produz não coincidissem com a imagem sonora da palavra. Diante dessas dificuldades, com frequência CL aproveita do modelo dos movimentos que as pessoas fazem com a boca quando falam. Assim, o falar junto

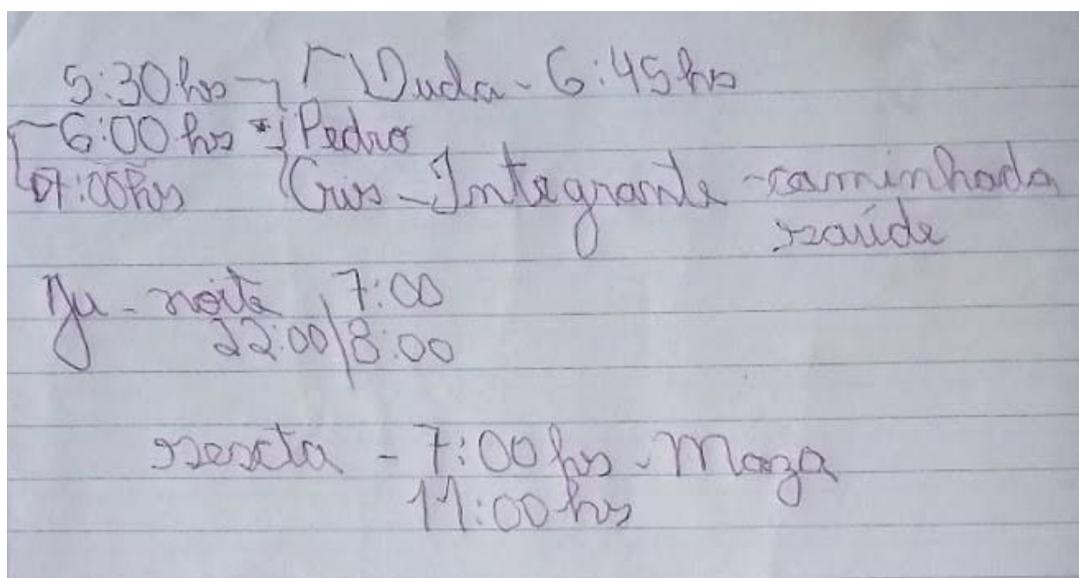
com CL resgata a concomitância do gesto com o som. Além disso, CL aproveita o *prompting* tanto falado quanto escrito para a sua produção.

Com o passar do tempo, fomos propondo atividades com a linguagem que ajudassem CL a falar nomes de pessoas e objetos ou palavras-chave do assunto que quer falar/mostrar. Algumas vezes durante atividades de adivinhação de palavras. Por exemplo, quando CL sabia a palavra antes que todo mundo e, movida pela vontade de mostrar que sabia, ela produzia espontaneamente a palavra, mesmo que não saísse corretamente da primeira vez, quase sempre com as repetições e utilizando gestos das bocas de seus interlocutores CL conseguia falar a palavra em alto e bom som. Apesar de falar muito pouco, CL é muito expressiva e quando percebe que não estamos entendendo o que ela está falando, imediatamente fala “não” e pega o celular para escrever alguma coisa que nos ajude a entender o que está tentando falar. Trabalho distribuído, no sentido da CD, entre seu corpo (e, por conseguinte, seu cérebro), seus interlocutores e o celular, que por sua vez contém diversos recursos que são também parte desse sistema cognitivo como veremos mais à frente nos dados.

Escrita de CL: rascunho mental

CL, sendo professora, sempre se mostrou preocupada com a escrita, inclusive com sua letra cursiva, que é de fato bem legível mesmo sendo escrita com a mão esquerda, uma vez que é destra. Consegue escrever com relativa facilidade as palavras, muito embora tenha dificuldade com a organização sintática dos enunciados, de modo que sua escrita é organizada por palavras-chave e esquemas com traços e setas. No dado a seguir de 07/04/2017, CL está contando para o grupo a sua rotina, que inclui a rotina de seus familiares. Enquanto fala em voz alta os nomes dos familiares, aponta para as relações que estabeleceu no papel, como se verá a seguir:

Escrita de CL sobre seu cotidiano (07/04/2017)

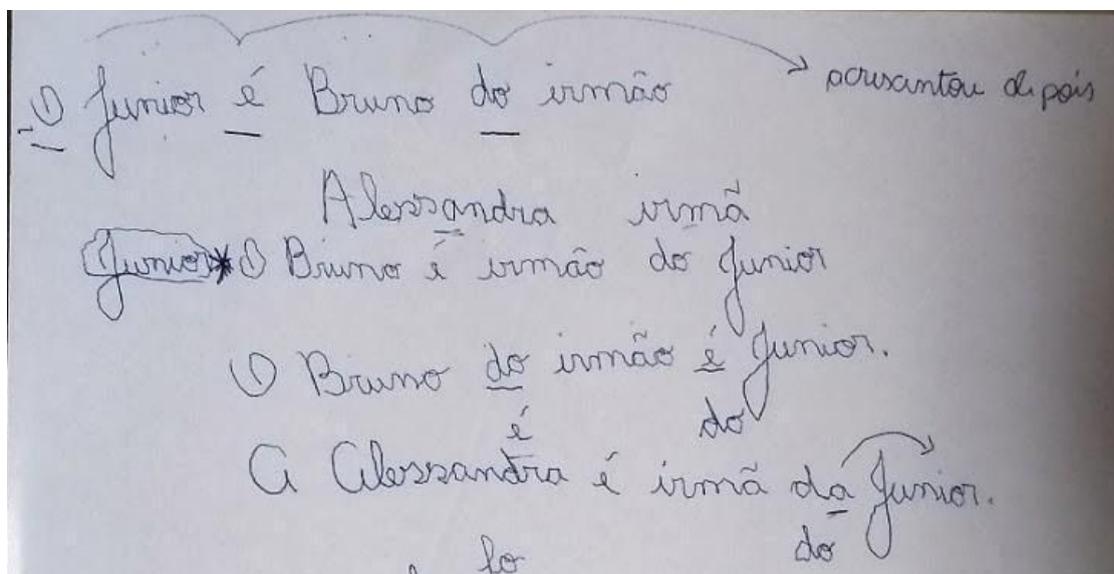


Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

CL foi explicitando o que escreveu e chegamos à seguinte rotina relatada com o apoio da escrita e de perguntas de seus interlocutores: Duda e Pedro acordam às 5:30 e saem às 6:45 de casa (Duda leva Pedro na escola e vai para a faculdade). Enquanto isso, CL sai para caminhar das 6:00 às 7:00 e, ao chegar às 7:00 em casa encontra Ju, seu marido, que acabou de chegar do trabalho, pois seu turno é o noturno das 22:00 às 7:00 da manhã, e fica com ele até às 8:00. Às sextas-feiras, CL sai de casa às 7:00 para ir ao CCA (representado na escrita pelo nome da Prof.^a Maza) e volta às 11:00. Assim, podemos perceber que a escrita de CL funciona como uma âncora, um esquema agregado a gestos, expressões faciais para significar, além do interesse de seus interlocutores em compreenderem seu “dizer”. É preciso que CL gesticule e *fale* (mesmo que apenas sim ou não, ou os nomes dos familiares) para que o sentido vá se completando. O fato de que Duda leva Pedro à escola não está escrito no papel, foi através das perguntas de outros participantes da sessão que chegamos a essa informação.

A afasia de CL incide bastante sobre a fala porque afetou a produção de gestos articulatórios e sua sequência em unidades superiores hierarquicamente e quando ocorre se reduz a nomes que não se articulam a outras unidades morfossintáticas para formar um enunciado. Ou seja, CL apresenta um agramatismo e, seguindo a teorização de Luria, uma Afasia Motora Eferente (AME).

CL construindo enunciados (27/10/2017)



Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

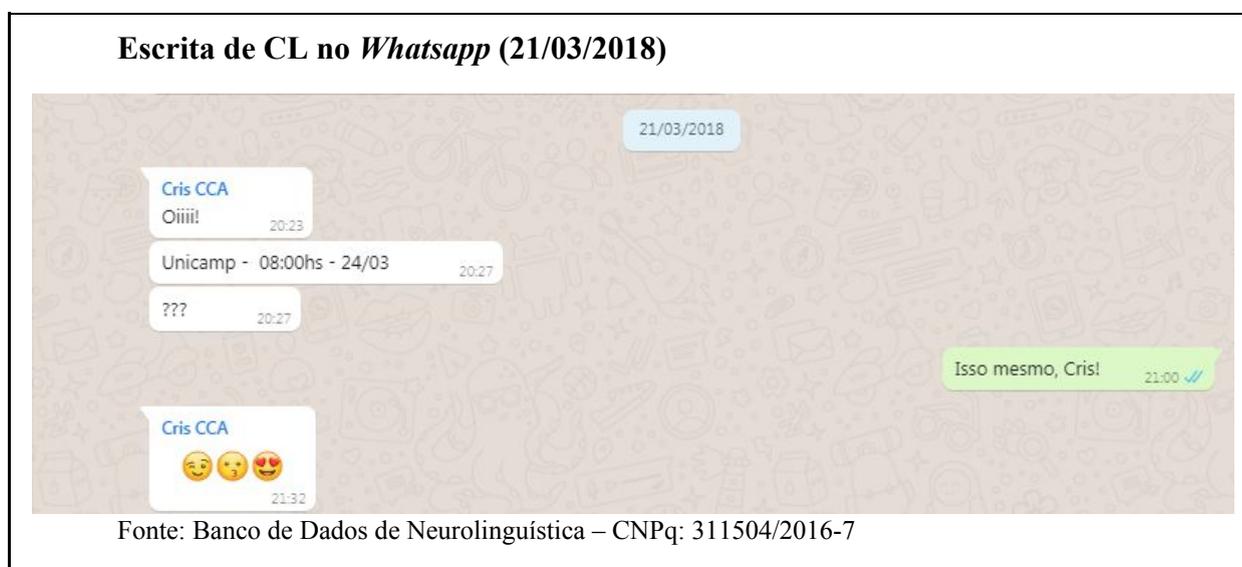
No dado acima, propomos para CL que transformasse as suas anotações em frases completas. CL, como o assunto que estávamos conversando era sobre irmãos, escreve no papel: Junior (espaço) Bruno (espaço) irmão; e um pouco abaixo: Alessandra (espaço) irmã. Pedimos, então, que ela escrevesse a frase “Bruno é irmão do Junior”. Para aproveitar o que já tinha escrito, CL acrescenta as palavras “o”, “é” e “do” formando a frase: “O Junior é Bruno do irmão”. Notamos que ela apenas seguiu as instruções encaixando as palavras que faltavam na frase escrita, o que não deu certo porque a frase que foi falada estava na ordem contrária. CL só percebeu que estava errado quando lemos em voz alta o que tinha escrito. Ela então tenta de novo, dessa vez mudando a ordem das palavras: O Bruno do irmão é Junior. Ao inverter a ordem das pessoas, inverteu a ordem do verbo e do pronome também, mantendo o estranhamento da frase. Somente quando falamos a frase novamente enquanto ela acompanhava palavra por palavra, percebeu que precisava trocar o “do” pelo “é” e vice e versa. Reescreveu, então, a frase acima e indicou que era a correta com um asterisco. Fez o mesmo com o nome Alessandra, já na ordem correta, porém colocou o artigo feminino em “da Junior”, corrigindo embaixo após a investigadora sublinhar o “a” e desenhar uma seta indicando a concordância.

Nesse dado, percebemos a dificuldade com a organização sintática do enunciado e percebemos também que a escrita serve de apoio para a fala (COUDRY, FREIRE, 2017), indicando onde mais se manifesta sua afasia. Segundo Vygotsky a passagem da

linguagem interior para a exterior é complexa e dinâmica, pois enquanto a linguagem interna é predicativa e idiomática, a linguagem externa é sintaticamente decomposta (VYGOTSKY, 2001). É justamente nessa passagem que reside a dificuldade de CL, de modo que sua escrita se assemelha a um esboço, ou rascunho mental:

O caminho entre o esboço e o ato de passar a limpo é uma via de atividade complexa, mas até mesmo quando não há cópia fatural o momento da reflexão no discurso escrito é muito forte; muito amiúde falamos primeiro para nós mesmos e depois escrevemos: aqui estamos diante de um rascunho mental. Esse rascunho mental da escrita é a linguagem interior. (VIGOTSKI, 2001 pg. 473)

No dado a seguir, observamos que CL transpõe esse modo de escrita próximo a um rascunho mental também para sua escrita em meios digitais, no caso específico do dado em uma mensagem no *WhatsApp*¹⁰:



Nesse dado, CL envia uma mensagem à Inv. para saber se haverá encontro do CCA no dia 24/03, para isso ela digita *Unicamp - 8:00hs - 24/03*, realizando um rascunho mental da mesma natureza. Ademais, esse dado é interessante também para observar como CL escreve a saudação *Oiiii!* como se é esperado que aconteça nesse tipo de cena enunciativa e ainda coloca o sinal de pontuação *???* para indicar que se trata de uma pergunta. A repetição da letra *i* e do sinal *?*, por sua vez, indica através da

¹⁰ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações sem custo por meio de uma conexão com a internet.

cenografia construída nessa enunciação, um traço de personalidade de CL que é ser uma pessoa muito animada.

Os dados de escrita em ambientes digitais de CL, como apresentados mais à frente, mostram uma interessante articulação e sequenciação de emojis¹¹. No caso de CL, no entanto, não escolhe apenas um emoji, mas na grande maioria das vezes elabora uma sequência deles, como se fosse um enunciado.

Leitura de CL: a relação verbal e não verbal

A leitura de CL provavelmente é o que está mais preservado, em atividades de leitura de jornal mostrou compreender bem as notícias. Como utiliza bastante o *whatsapp* e o *Facebook*, não aparenta dificuldade em ler e entender as mensagens. Em uma atividade de leitura de manchete de jornal (14/10/2016), CL, para contar aos demais sobre a notícia que havia lido, gesticula representações de furacão, vítimas e abrigo. O título da manchete era “Vítimas de furacão perdem trabalho e abrigo temporário”. Ou seja, CL conseguiu ler a manchete e sintetizar para contar para os outros o que leu.

Segundo o relato de familiares e da própria CL, ela costuma assistir a filmes e séries legendados, com áudio em outra língua, uma atividade na qual a leitura precisa ser rápida e é essencial para a compreensão. No entanto, CL também relata que a sua leitura de jornais e livros é mais lenta, pois diferentemente das séries não tem imagens para acompanhar. Portanto, é possível observar, tanto na leitura quanto na escrita, que as imagens são centrais para CL e isso pode estar relacionado com seu uso das mídias digitais que também têm a imagem como central.

A respeito dessa relação texto e imagem, Maingueneau (2010), ao tratar dos hipergêneros afirma a sua natureza icônica devido ao fato de que os sites são imagens por excelência, ou seja, estão na tela de um computador e por mesclarem frequentemente texto verbal e não verbal. Tal iconicidade pode ser observada no próprio dado de CL através da presença dos emojis.

¹¹ Os emojis foram criados na década de 90 pela NTT DoCoMo, a maior empresa de telefonia móvel do Japão com o objetivo de ser um recurso para expressar sentimentos e ações.

Capítulo 3 - AFASIA E O DIGITAL

3.1 Considerações sobre o Digital: da agenda ao smartphone

Desde 2016, foi possível observar nos acompanhamentos das sessões em grupo do CCA, uma mudança significativa nas reuniões: a presença dos *smartphones*¹² cresceu e foi, aos poucos, substituindo o uso da agenda¹³. A agenda vinha sendo usada pelos afásicos não apenas como espaço de anotação de compromissos, mas para guardar informações pessoais, transmitir recados entre o CCA e os familiares, escrever ou desenhar quando não conseguem falar, além de expor temas que podem ser retomados no diálogo. No contexto dos trabalhos da ND, ela foi instituída como um instrumento metodológico e de trabalho (COUDRY, 1986) que possibilita um conhecimento mútuo: compartilhar e comentar aspectos da vida do sujeito, estabelecer temas de conversa etc. Dado esse interesse da ND em estudar as práticas discursivas da linguagem, que abarcam tanto a diversidade de sujeitos (pesquisadores, bolsistas, professores, alunos, afásicos, familiares e eventuais convidados¹⁴) como a de artefatos (agendas, celulares, papéis, lousa, computadores, jogos, entre outros), essa inclusão do *smartphone*, bem como a substituição da agenda, passou a ser uma questão que merecia maior atenção.

¹² Um smartphone é um aparelho celular combinado com recursos de computadores pessoais. Com acesso à internet, esse aparelho abre possibilidades para uma infinidade de recursos e aplicativos.

¹³ A agenda a qual nos referimos aqui consiste na agenda física, de papel. O recurso da agenda também pode constar dentro das ferramentas do aparelho celular, mas não é o caso.

¹⁴ Aproveito a oportunidade para lembrar em especial de uma convidada, Pascal, que se tornou uma amiga do CCA e participou de algumas sessões. Sendo francesa e não falante nativa de português, Pascal encontrou no CCA pessoas que, de certa forma, também tinham dificuldade em se comunicar e, assim, pôde através dos processos alternativos de significação compartilhar um pouco de sua história e também ouvir e participar da história de outras pessoas.

Das inúmeras investigações que vêm sendo produzidas a partir dos estudos da ND, destaca-se o estudo feito por Freire (2005): *AGENDA MÁGICA: linguagem e memória* no qual a autora estuda o caso de AL e analisa, dentre outros aspectos, o uso da agenda.

A agenda, no entanto, assume um caráter especial, por representar uma extensão de seu aparelho psíquico: dá espaço e tempo para a escrita/leitura do dia a dia. Suas anotações misturam relatos, narrativas, comentários, réplicas, confidências, lembretes, diálogos, pondo em relação, a linguagem e a memória. (FREIRE, 2005 p. 139)

Nesse estudo, Freire seleciona aspectos importantes para análise da agenda: i) o espaço e o tempo como categorias que se modificam no uso de artefatos como a agenda; ii) os artefatos podem não ser simplesmente um instrumento, mas uma “extensão do seu aparelho psíquico”. Para tanto, retoma o texto "Uma nota sobre o bloco mágico" de Freud (1924) no qual o autor analisa a folha de papel sobre a qual escrevemos quando receamos esquecer alguma coisa como a materialização de seu aparelho mnêmico. Porém, para Freud o aparelho psíquico, diferentemente dos artefatos, “possui uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis” (Freud, 1924/25. p. 143).

i) O tempo e o espaço nas tecnologias digitais

De fato, a questão do tempo e do espaço é central quando pensamos em sujeitos afásicos utilizando essas novas tecnologias, pois o tempo na afasia é outro, por vezes mais lento que o usual, nas palavras de Coudry “há exposição em câmara lenta do processamento patológico quando a linguagem se apresenta em funcionamento” (COUDRY, 1996 p. 187).

O dado que segue é de uma imagem que representa a interação de MP, via *Facebook*, com os participantes do CCA. Em uma das sessões, estávamos conversando sobre música e cada um estava falando o tipo de música de que mais gostava. MP adora rock nacional, já havia comentado outras vezes que sua banda preferida é *Titãs*, e nesse dia ela queria nos dizer o nome de outro cantor de quem gosta muito, mas não conseguia falar o nome devido a sua dificuldade de nomeação, conseguindo dizer apenas que começava com a letra Z. Fomos fazendo perguntas para chegar ao nome do cantor, mas a sessão chegou ao fim e fomos todos embora sem saber o nome do cantor. Alguns dias depois, fomos marcadas em uma postagem no *Facebook* na qual MP havia

colocado uma música do Zeca Baleiro, uma forma de *dizer/mostrar* ao grupo de quem se tratava:

MP mostra cantor com a letra “Z” no Facebook



Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Não sabemos quanto tempo MP levou para chegar ao nome de Zeca Baleiro e encontrar seu vídeo no *Youtube*, nem mesmo quais recursos utilizou, se conversou com alguém, se procurou alguma referência em seus pertences ou se foi procurando pela internet e os vídeos que já havia visto. Mas, no contexto digital, ela pôde nos mostrar de qual cantor estava falando mesmo após a sessão ter terminado e sem precisar esperar pela próxima. Além disso, todos esses não-saberes sobre o processo, por vezes lento e cheio de percalços, faz com que essa postagem se pareça com qualquer outra postagem

sobre música no *Facebook* de uma pessoa não afásica, ou seja, MP é uma pessoa do seu tempo, uma afásica digital (GARCIA, 2019).

Essa questão do tempo e do espaço vem sendo trabalhada por alguns teóricos contemporâneos como Danilo Patzdorf que estuda a corporalidade no mundo digital:

Sem tempo nem espaço delimitados, o corpo não tem mais um lugar definido e, assim, pode transitar informativamente pelas ambiências digitais. Emerge, então, uma “corporalidade reticular”, constituída de carne, informações e eletricidade, que faz das redes digitais a própria localidade onde se dá a sua resistência, utilizando, desse modo, “toda a humanidade como nossa pele” (PATZDORF, 2019).

Patzdorf também ressalta que a corporalidade deixa de ser somente biológica (para a ND e outras perspectivas sociais nunca foi somente biológica) e passa a ser também online, através de dados relacionais, biográficos, biométricos, bancários, de deslocamento, dentre outros. Acontece, então, que o ser humano passa a ser mais do que um animal político, mas passa a ser o que ele chama de “ecologia conectiva, composta por redes de diversas naturezas que, ao se conectarem, dão forma a um ser-redes cuja corporalidade tem como substrato diferentes substâncias materiais e informativas, sendo, aos mesmo tempo, coisa e fluxo” (PATZDORF, 2019).

De fato, a dicotomia entre tecnologia de um lado e natureza de outro vem se desfazendo cada vez mais. A figura do ciborgue, trazida por Donna Haraway, é a metáfora por excelência para a superação dessa dicotomia; no entanto, como salienta Patzdorf (2019), essa superação vem acontecendo de um modo muito sutil em comparação com o imaginário propagado pelos filmes de ficção científica. Para Patzdorf (2019), as próteses e acoplamentos que se agregam aos nossos corpos hoje têm pouca materialidade, são mais informativos e pouco visíveis, não alterando radicalmente a aparência e a forma de nossos corpos, mas sua performance.

Considerar o homem como único sujeito no palco cênico do mundo conduz a uma ontologia solíptica incapaz de explicar a virtude mais reluzente do ser humano, a tendência e a capacidade de se relacionar com o mundo e de com ele operar contínuos processos de conjugação. [...] O não-humano, longe de ser um simples instrumento nas mãos do homem, sempre foi um parceiro, um interlocutor, uma referência capaz, através da hibridação, de consentir tal processo descentralizador. (MARCHESINI, apud PATZDORF, 2019)

Assim, a tecnologia não pode ser vista como mero instrumento que supre uma falta do humano, mas está inserida em um sistema, cada vez mais dinâmico e complexo, que tem a ideia de artificialidade e de técnica como princípio: “A técnica, isto sim, funda o território sobre o qual se dará nossa existência” (PATZDORF, 2019).

Considerar um instrumento como interlocutor é um ponto que interessa a uma abordagem discursiva como a da ND que teve, desde sua fundação, como central a questão da interlocução, seja com pessoas ou com objetos. Nesse sentido também se aproxima da CD ao descentralizar o humano e considerar as relações com os instrumentos também como parte importante e constitutiva. No entanto, é importante ressaltar que tais considerações sobre artefatos, instrumentos e tecnologia não dizem respeito somente à tecnologia digital, mas a qualquer tipo de domínio de técnicas da atividade humana. A Cognição, por exemplo, não depende da tecnologia digital para ser considerada como Distribuída, mas sim das relações entre as pessoas, seus saberes, técnicas e instrumentos.

ii) Extensão do aparelho psíquico: o caso dos smartphones

Seguindo Jenkins (2008), a mudança do uso da agenda para o uso do *smartphone* contém além da convergência técnica (uso da digitação, maior capacidade de armazenamento, facilidade de transporte, opções de fotografia e áudio), também acontece uma convergência cognitiva do sujeito que precisa lidar com outro modo de escrever, como o uso do corretor ortográfico e os sistemas de busca na internet.

O corretor ortográfico ¹⁵ pode ser um pesadelo para as pessoas. Em uma pesquisa rápida no Google, podemos encontrar mais artigos na internet ensinando a desabilitar o corretor do que a instalar ou configurar essa função. A conhecida frase “que Deus te ilumine” se transformou em “que Deus te elimine” graças ao corretor ortográfico em diversas postagens nas redes sociais, transformando-se em *meme*. Para CL, no entanto, o corretor ortográfico funciona como uma parceria no momento da escrita, suprindo as modificações da escrita que sua afasia produz. Para melhor compreender essa interação, é importante saber como o corretor ortográfico funciona:

A tarefa de prever qual será a próxima palavra de uma frase é essencial para a detecção de erros ortográficos. A partir da observação das palavras anteriores, esse tipo de abordagem permite a obtenção de uma previsão das palavras que possam vir a seguir. Utilizando-se, por exemplo, o trecho da frase "Eu retirei um...", a próxima palavra pode ser “livro” ou “carro”, dentre outras possibilidades. Porém a próxima palavra normalmente não pode ser “casa” ou “professor”, por exemplo. A partir dessa lógica, ao ser conhecida a composição habitual de sequência de palavras e suas probabilidades de ocorrência, existe a possibilidade de prever qual palavra é provavelmente a mais correta, de acordo com o trecho da frase que a precede ou sucede. (PITOLL, RIGO 2015)

¹⁵ O corretor ortográfico é uma das inúmeras funcionalidades do aparelho celular smartphone e consiste na correção automática da escrita digitada pelo usuário bem como da previsão de palavras.

Isso posto, o dado a seguir mostra a interação de CL com o corretor ortográfico e com a investigadora. Quando JP, afásico que estava visitando ¹⁶o grupo pela primeira vez, chegou ao CCA fizemos uma roda de apresentação, durante a roda CL queria fazer uma pergunta para JP e, devido a sua dificuldade para produzir/articular os sons da língua, em decorrência de uma apraxia de fala, pega seu celular, abre um aplicativo de anotações e digita (16/08/2019):

Escrita de CL no celular	Interação com o corretor e com a Inv.
1- Prog	Percebe que a letra ‘g’ não está certa, apaga e coloca a letra “f” no lugar.
2 - Prof	O corretor sugere a palavra “profissional”, ela seleciona mesmo sabendo que não é essa a palavra que procura.
3 - Profissional	Apaga até a letra “s” com a ajuda da Inv., o corretor então sugere a palavra “profissão” que ela seleciona.
4 - Profissão	Mostra para todos do grupo e aponta para JP.

Essa articulação entre os afásicos e o corretor automático, às vezes com o apoio de alguma outra pessoa, mas não necessariamente, tem se mostrado muito produtiva. CL não interage apenas com um objeto, mas com uma IA (Inteligência Artificial) que sugere palavras não apenas com base nas informações ortográficas, mas de acordo com os dados de uso coletados de cada usuário.

Nesse sentido, o corretor representa um dispositivo comunicacional na medida em que é um mídiu que constitui uma cena genérica que puxa a enunciação de CL. Em termos da CD, temos vários *outputs*: a escrita de CL, a sugestão do corretor, a

¹⁶ Toda vez que alguma pessoa nova e não pertencente ao Grupo II participa das sessões do CCA, é feita uma roda de apresentação na qual cada um se apresenta e faz uma pergunta para que possamos conhecer a pessoa que está chegando, sendo ele afásico, pesquisador, amigo, família ou convidado

sugestão da Inv., e posteriormente a fala de outros integrantes que verbalizaram a pergunta de CL; para um único output, a pergunta que CL fez para o novo integrante: qual é a sua profissão?

3.2 Do mecânico para o digital, do digital para o mecânico:

Grupo no Whatsapp: comunidades de pertencimento

O grupo do whatsapp do CCA começou em 2017. Nele damos avisos, compartilhamos fotos, receitas, vídeos. Traz a presença de quem está ausente, como quando Maza estava viajando por Portugal para um Congresso e nos mandou foto da Universidade de Lisboa e de outros lugares da cidade. Ou mesmo quando MP, que se mudou para Araçatuba, nos mandou fotos de sua nova casa. Todas essas interações ressaltam o caráter de pertencimento a uma comunidade para aqueles que frequentam o CCA.

A respeito disso, Sherry Turkle (2004) afirma ser um erro a separação real de um lado e virtual de outro, já que considera que o virtual é parte da vida e não algo fora dela. Nesse sentido, a autora estabelece as categorias de virtual (V) e resto da vida (RV). “as melhores possibilidades para o desenvolvimento das comunidades encontram-se nos lugares em que se cruzam as experiências V e o RV.” (TURKLE, 2004 p.120).

É importante ressaltar que o processo de mudança de uma atividade mecânica/analógica para o digital não ocorre sem resistência, sempre há quem se recuse a usar o *smartphone*, ou mesmo que use, se recuse a usar algumas de suas funções, principalmente as redes sociais, que são muitas vezes entendidas como perda de tempo. A presença do digital em nosso cotidiano ainda é polêmica: enquanto por um lado temos muitas facilidades que nos economizam tempo e dinheiro, nos colocam em contato com pessoas e lugares inacessíveis em outros contextos, por outro, nos causa certa desconfiança quando nos deparamos com informações estranhamente precisas sobre nós aparecendo em diversos lugares, como as propagandas personalizadas, por exemplo. Essa polêmica foi muitas vezes tema das conversas no CCA, “Eu fico lá e nada, para eu num vo”, MP sobre o *Facebook*. MP já restaurou diversas vezes seu

celular, por não saber onde estava mexendo, o que significavam aqueles ícones e aquelas palavras.

Nesse sentido, as conversas em grupo têm um papel muito importante de troca de informações, experiências e incentivos. Em uma sessão, por exemplo, a professora Maza conversou com os participantes do CCA sobre como o celular é importante para abrir novas conexões, novos caminhos e possibilidades. Ressaltou, ainda, a importância de sair da zona de conforto e de não se prender nos mesmos hábitos. Estar afásico não significa estar estagnado, ou como diz MP “O mais lá [se referindo ao médico] falou que eu ia ficar pra sempre assim [fazendo sinal de ficar parada] eu falei não para”. É preciso se desafiar, fazer coisas que não fazia mesmo antes do episódio que gerou a lesão e o caso das tecnologias digitais muitas vezes se encaixa nesse quadro.

Processos alternativos de significação no Whatsapp

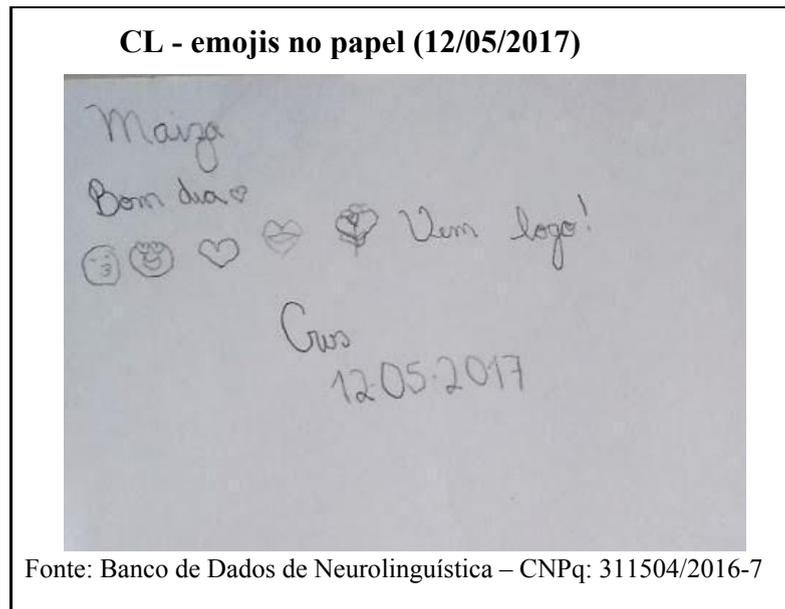
CL envia algumas fotos de decoração de aniversário que tinha feito, pois mesmo com a hemiparesia CL continuou a fazer artesanato, o que a ajudou muito na recuperação dos movimentos do lado esquerdo. Para responder à pergunta feita, se foi ela mesma quem fez a decoração, CL seleciona dois emojis de uma carinha com a bochecha vermelha com a mão na frente da boca, provavelmente para indicar vergonha, ou modéstia, diante da pergunta e ao mesmo tempo responder afirmativamente. Ela seleciona, também, dois emojis de uma mulher com as mãos para cima na altura dos ombros, movimento que usamos para indicar que não sabemos algo (sei lá). Para agradecer aos elogios, CL seleciona emojis com uma carinha feliz.

CL no grupo do *Whatsapp*

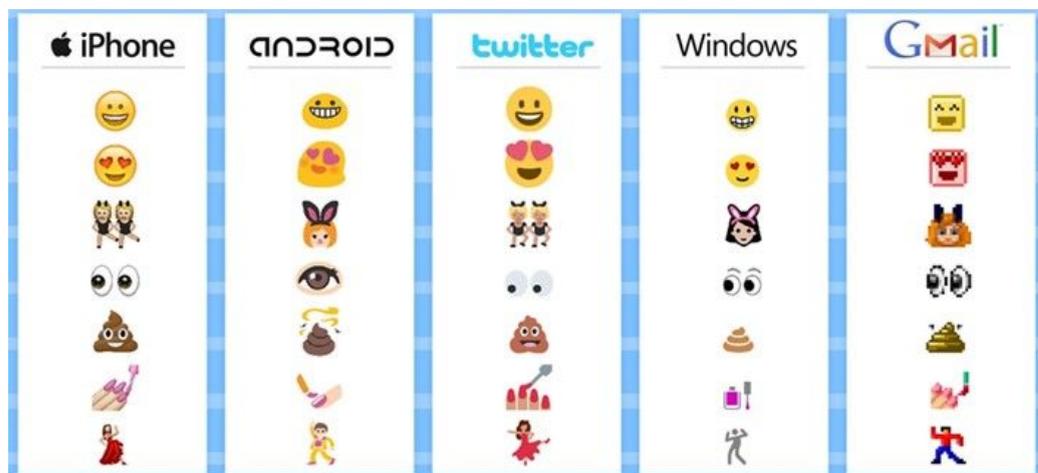


Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

As vias, no entanto, quase sempre são de mão dupla. Assim como o afásico leva para o meio digital estratégias e modos de fazer que partem de sua experiência de escrita no papel, também acontece o contrário: levar o modo de escrever do digital, com poucas palavras e emojis, para o papel. É o que ocorre no dado a seguir, quando CL ao escrever um recado para Maza que não pôde ir ao CCA naquele dia, pois estava doente, reproduz os emojis que usa no celular:



Para fazer esses desenhos, CL abre uma mensagem em que havia enviado esses emojis e os copia para o papel. Tal cópia chama atenção por dois aspectos: i) ela não desenha os emojis com base no que pode se lembrar deles, mas os copia o mais próximo do que são; ii) ela não copia apenas os desenhos dos emojis, mas também a sequência deles (não somente CL faz isso, mas é uma prática comum de usuários da internet). Em relação ao primeiro aspecto, é interessante observar que os emojis possuem certa estabilidade em seu desenho, o que dá sentido à preocupação de CL em desenhar o mais parecido com os desenhos do celular, como podemos ver na tabela a seguir que compara emojis de diferentes empresas:



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emojis-emojis.htm>

Assim, podemos observar que esses símbolos são relativamente estáveis, porém suas diferentes possibilidades de combinação e de usos podem atribuir diferentes sentidos e tornar a enunciação mais particular e menos global/universalizada. Portanto,

utilizar os emojis em mensagens não corresponde apenas a utilizar um recurso estático e fechado, mas é possível articulá-los e combiná-los de modo a atribuir diferentes sentidos e características subjetivas.

Tal prática é que mobiliza simultaneamente diversos canais (no caso imagem e texto) e segundo Maingueneau (2005) não é exclusiva do mundo digital, estando também presente, por natureza, na oralidade, assim como vimos a relação entre o verbal e o não-verbal nas afasias com o trabalho de Coudry.

Enquanto na fala incorporamos gestos e expressões corporais, nas práticas de escrita da internet os emojis indicam sentimentos e ações que compõem a cenografia (MAINGUENEAU, 2005) e que entram no lugar de palavras escritas.

3.3 Afásicos Digitais: a construção do *ethos* do sujeito afásico na rede social *Facebook*

Estudos recentes da área da ND (GARCIA, 2019) apontam que os afásicos, a partir de uma perspectiva discursiva que considera o sujeito inscrito no tempo e na história, são sujeitos de seu tempo, ou seja, são sujeitos digitais. Sendo assim, os afásicos agem segundo um determinado *ethos* (MAINGUENEAU, 2005) nas redes sociais, o que permite que se assemelhem nessas redes a sujeitos não afásicos. Para Maingueneau, o *ethos* seria não apenas uma maneira de dizer, mas uma maneira de ser:

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As “idéias” suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. Apanhado num *ethos* envolvente e invisível, o coenunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. (MAINGUENEAU, 2008 p. 29)

Ou seja, o *ethos* é a imagem se constrói do enunciador e, em função do modo de enunciar do sujeito afásico na internet, constrói-se uma imagem de um enunciador não afásico.

Diante disso, a partir da definição de rede social, veremos como dois sujeitos afásicos (MP e CL) constroem suas maneiras de ser nessas redes. Raquel Recuero em sua tese intitulada *Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com*, de 2006, estuda a partir de uma perspectiva das ciências

sociais uma rede social chamada Fotolog. Em sua tese, Recuero comenta da dificuldade de encontrar dentro das ciências humanas descrições e teorias sobre as redes sociais que sejam coerentes, também, com as teorias das ciências exatas. Ela, portanto, busca pensar partindo tanto dos estudos sobre teoria das redes e teoria dos grafos quanto das teorias sociais para sua análise. Segundo Raquel Recuero (2010):

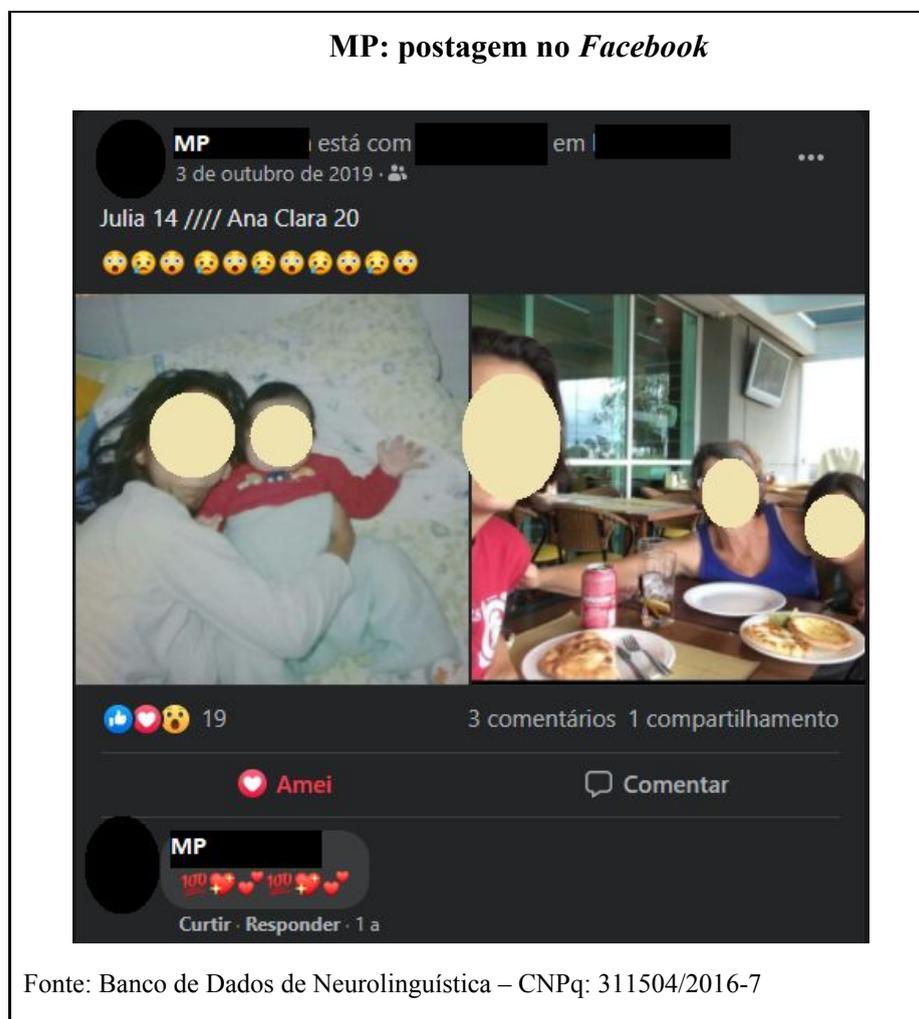
Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada pelo computador. (RECUERO, 2010 p. 102).

Ao pensar as redes sociais desse modo, podemos nos colocar as seguintes perguntas: i) como os afásicos, diante das diversas dificuldades com o corpo e a linguagem, constroem essa persona em seus perfis, ii) como interagem com os comentários que fazem e recebem, iii) como é a exposição pública de um afásico na internet. Para tanto, vamos analisar os perfis do *Facebook* de MP e CL.

O *Facebook* de MP é composto majoritariamente por vídeos de músicas de que ela gosta (Rock Nacional) e fotos antigas, de antes do acidente ou mesmo de sua infância. Praticamente todas as postagens têm emojis como legenda, não apenas um emoji, mas uma combinação deles de acordo com a temática da música - se triste, se romântica. Mais recentemente, voltou a postar fotos dela mesma com o irmão e a cunhada quando voltou a morar em no interior do estado de São Paulo, decisão que tomou por ela mesma. MP nunca gostou da cidade em que morava na região metropolitana de Campinas e disse isso desde a primeira vez que chegou ao CCA, “Nunca gostei de lá, antes era bom por causa disso [sinal de dinheiro com os dedos], mas agora não tem porque ficar lá”.

O dado a seguir é um exemplo de postagem na qual MP coloca duas fotos, uma de suas filhas quando eram mais novas e outra com suas filhas e sua mãe quando foram visitá-la no interior após sua mudança para a cidade em julho de 2019. Na legenda da foto MP escreve os nomes e as idades das filhas separadas por quatro barras (////) seguido de emojis de surpresa e choro. Não sabemos se a escrita é de MP, ou se escreveu com a ajuda de alguém e é precisamente esse ponto que nos interessa: a possibilidade de *mascarar* a afasia, escondendo o processo muitas vezes custoso e ineficiente da escrita. Também não sabemos quanto tempo MP levou para fazer essa

postagem. Nas redes sociais, na medida em que o interlocutor recebe a mensagem pronta, o tempo gasto na elaboração dela não é uma questão.



Nesse sentido, quando MP posta uma música no *Facebook* não está apenas compartilhando um gosto pessoal, mas ocupando um espaço na esfera social-digital, construindo uma identidade que nem sempre é marcada pela afasia, como no caso do dado apresentado no qual há o apagamento da lentidão e dos percalços de uma escrita afásica. Além disso, ao fazer uma postagem, seja uma imagem, um texto ou uma fotografia, os sujeitos atualizam a sua identidade virtual e tal processo também acontece com os afásicos que vão moldando e construindo imagens virtuais de si, como todo sujeito de seu tempo (GARCIA, 2019).

Outro ponto importante na construção da identidade de MP nas redes sociais é o uso de filtros na maioria de suas fotos. Esses filtros modificam sua aparência e atenuam

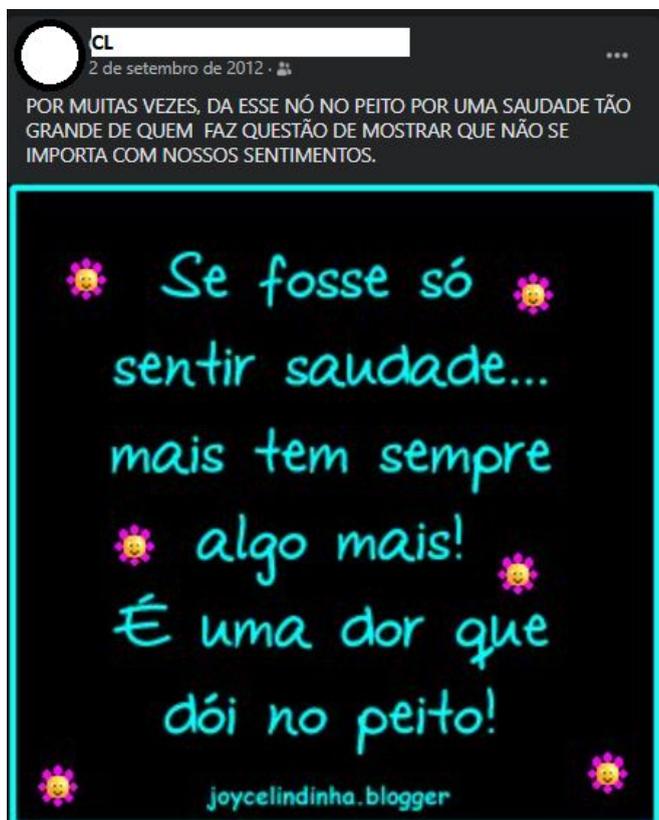
as sequelas físicas de seu acidente. De fato, é um recurso muito utilizado pelos usuários dessas redes, como no caso do *Facebook*, e MP brinca com esses filtros:



O sujeito digital não se mostra, se mostrando. Esconder defeitos é uma possibilidade que o mundo digital oferece ao usuário. MP não diz em seu perfil que é afásica e minimiza as marcas no corpo da afasia através dos filtros nas fotos. Retomando Partzdorf (2019) nas redes sociais os sujeitos “atualizam seus corpos” e têm a liberdade de criar uma imagem de si.

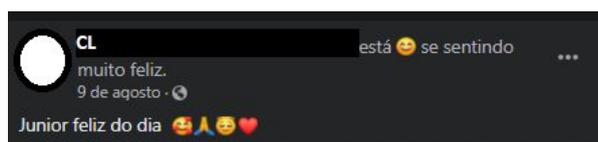
O Facebook de CL, por sua vez, tem um pouco mais de texto, já que tem a leitura e a escrita mais preservadas, o fato de ser professora pode ter contribuído para que CL se empenhasse e se preocupasse mais com a leitura e a escrita. No entanto, CL mantém as mesmas características dos enunciados de MP: frases curtas, emojis e fotos. A diferença é que CL compartilha imagens com textos, o que já não acontece com MP. As postagens de CL não mudam significativamente antes e depois do AVC, continuam sendo fotos, imagens com textos, somente às vezes há algum texto escrito, geralmente em caráter de desabafo como é a postagem do dado a seguir que foi feita antes do AVC de CL:

Postagem de CL antes do AVC



Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Postagem de CL depois do AVC



..... Feliz dia do Pai

SER PAI É:

sorrir, chorar, sofrer,

SER FILHO É:

agradecer

TODOS OS DIAS A

OPORTUNIDADE DE TER

UM PAI COMO TU.

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Podemos observar nesses dados que representam uma escrita anterior e posterior ao AVC de CL que de fato o volume de escrita diminuiu e por vezes aparecem questões sintáticas que podem gerar algum estranhamento na leitura, como escrito na postagem *Junior feliz do dia* ao invés de *Junior feliz dia [dos pais]*. No entanto, a presença da imagem contendo um texto em homenagem ao dia dos pais garante que a cena de enunciação se cumpra sem grandes estranhamentos.

Em relação aos comentários de outras pessoas nas postagens, observamos que tanto nas postagens de MP quanto nas de CL várias pessoas comentam escrevendo ou utilizando desenhos e figurinhas. A prática de responder usando figurinhas não é incomum entre usuários do *Facebook*, de modo que não causa estranhamento, porém nota-se uma preferência pelas figurinhas em detrimento da escrita por pessoas que sabem da dificuldade de ambas em ler e escrever. MP raramente responde, mas curte todos os comentários, um jeito de mostrar que leu e gostou sem precisar escrever alguma resposta, visto que não consegue ler sozinha e precisa da ajuda de alguém para ler para ela. Diferente da CL que sempre responde. A seguir vemos um recorte dos comentários que os demais usuários da rede social fizeram nas postagem de ambas:



Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Se a agenda, como observa Coudry, funciona como um princípio organizador dos episódios dialógicos para o sujeito (COUDRY, 1986), o Facebook também pode ser considerado como um espaço no qual o sujeito documenta (inclusive com fotos) acontecimentos, sentimentos e opiniões. Dessa forma, podemos dizer que conta parte da história do sujeito. A novidade está, portanto, não apenas no fato dessa história ser compartilhada com um número muito maior de pessoas do que um grupo que se encontra semanalmente, mas também pela possibilidade dessa história ser escrita em conjunto, com contribuições de diversas pessoas.

A presença dos outros no perfil de MP do Facebook

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Além do Facebook ser uma ferramenta que possibilita às pessoas que contem sua história, inclusive coletivamente com a intervenção de outras pessoas, também é um espaço que cria memórias através da ferramenta de lembrança que avisa quando algum acontecimento está “fazendo aniversário”. Pode ser uma foto com seus familiares e

amigos, ou uma postagem feita há alguns anos, quase diariamente o Facebook avisa das lembranças de dois, três, quatro (ou mais) anos atrás. Ou seja, é um espaço interessante tanto para que as pessoas possam contar sobre si mesmas e sua relação com o mundo, quanto como espaço de memória.

Podemos pensar essa construção de memória coletiva do ponto de vista da CD e, nesse sentido, não seria apenas os procedimentos da enunciação que seriam distribuídos mas o próprio *ethos*. Ou seja, nesse processo de interação entre os dispositivos e os usuários que reside a construção - e constante atualização - de determinado *ethos*. Nessa natureza distribuída do *ethos* reside a possibilidade da construção de uma identidade do sujeito afásico como qualquer outro sem passar, necessariamente, pela condição afásica, ou mesmo mascarando-a. Essa máscara não é, portanto, uma escolha inteiramente proposital do sujeito, mas prevista pelo próprio dispositivo comunicacional digital e pela natureza distribuída do *ethos*.

CONCLUSÃO

A partir do quadro teórico mobilizado e de leituras sobre o universo digital que invade nosso cotidiano, e que caracteriza o sujeito contemporâneo como essencialmente um sujeito digital, em suas várias faces, apresento algumas considerações sobre a relação dos sujeitos afásicos e o digital.

Considero fundamental entender as ferramentas e recursos tecnológicos, sejam eles de natureza mecânica ou digital, como partes de um sistema de cognição que funciona de modo distribuído. Para tanto, a presente pesquisa aponta e aposta na possibilidade de uma relação radicalmente distribuída: não só a cognição é distribuída, mas o próprio *ethos*. Tal fato se daria na própria definição de sujeito e de linguagem que fundamenta esta pesquisa: um sujeito social e histórico que não é possível de ser isolado, uma linguagem que é fundamentalmente pautada na relação com o outro. A cognição não depende do meio digital para distribuída, mas das relações entre os sujeitos, seus saberes, suas técnicas e instrumentos. Nesse sentido, o modo do ser humano se relacionar com o mundo, de operar com ele diversos processos de conjugação, faz com que não seja nem senhor e nem escravo da tecnologia, mas uma parte de um sistema complexo e diverso.

No meio digital essa relação distribuída não seria diferente, o caráter coletivo e colaborativo dos sites, aplicativos e redes sociais possibilitam que a escrita de uma história pessoal, como mostrada nos perfil do *Facebook* de CL, seja escrita em conjunto. Com ferramentas como as caixas comentários e as lembranças trazidas pelo próprio Facebook, o caráter distribuído da identidade e da memória ficam ainda mais evidentes.

O digital é um meio interessante não por oferecer infinitos modos de dizer/significar, mas por oferecer justamente os modos que favorecem a expressão do afásico (áudio, corte, recorte, abreviação, emoji, figurinhas, desenhos, imagens, entre outros).

As práticas alternativas de significação que são privilegiadas no CCA, como o *mostrar para dizer* de MP quando ela desenha para mostrar que leu, no digital passam a ser práticas convencionais de conversação. Sendo convencionais, o estranhamento é menor de modo a aproximar os sujeitos afásicos de não afásicos, como apontam os dados. Ou seja, o modo de existir nas redes digitais nem sempre é marcado pela afasia.

O afásico, portanto, pode ser considerado mais ou menos afásico muitas vezes não pelas suas dificuldades intrínsecas causadas pela lesão cerebral, mas a depender da régua do que é considerado comum ou normal dentro de determinada prática.

Como sujeitos de seu tempo que são (GARCIA, 2018), os afásicos participam desse sistema distribuído apesar de suas dificuldades com a língua(gem), criando novas conexões, novos caminhos e novas possibilidades de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M., COUDRY, M. I. H. **Em torno de sujeitos e olhares. Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 171-191, dez. 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 91 páginas. ISBN 978-857897-005-5.
- ANTONIO, G.D.R. **Da sombra a luz: a patologização de crianças sem patologia**. Dissertação Mestrado em Linguística – IEL/UNICAMP, 2011.
- BORDIN, S. M. S. **Fala, leitura e escrita: encontro entre sujeitos**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL/Unicamp, 2010.
- Broca, P. (1969). **Remarques sur le siège de la faculté de la parole articulée, suivies d'une observacion d'aphémie**. In H. Hecaen & J. Dubois (Eds.), *La naissance de la neuropsychologie du langage* (pp. 108-123). Paris: Flammarion. (Original work published 1861)
- COLE, M., ENGESTRÖM, Y. **A cultural-historical approach to distributed cognition**. In SALOMON, G. (Ed.). *Distributed cognitions*. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 1-46
- COUDRY M.I.H.. **Diário de Narciso**. São Paulo: Martins Fontes, 1986/88
- _____. (1993). **Para bom entendedor meia palavra basta**. In: Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL, 385-403. Campinas: UNICAMP.
- _____. **Princípios protocolares de avaliação neurolinguística**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. XXIV, p. 174-178, 1995.
- _____. O que é dado em neurolinguística?. In: CASTRO, M. F. C. (Org.) **O Método e o dado no estudo da linguagem**. 1a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 179-192, 1996.
- _____. Fontes de postulados teórico-metodológicos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). **Estudos Linguísticos**, Marília, v. XXV: p. 439-444, 1996b.
- _____. **“Condições de subjetividade e patologia cerebral”**, texto apresentado no II CELSUL, Forianópolis, 1997.
- _____. Há linguagem na afasia ou há afasia na linguagem?. In: **XLVIII Seminário de Estudos Lingüísticos**, 2001, São José do Rio Preto. Estudos Lingüísticos, 2001. p. 1-10.
- _____. - **Projeto Integrado em Neurolinguística: avaliação e banco de dados**. Relatório de Pesquisa, CNPq: 521773/95-4, de 1999 a 2001. Campinas, SP, 60p. Unpublished manuscript, 2001.
- _____. **Conceitos de Afasia: clássico é clássico e vice-versa**. Aula Didática para Concurso de Livre Docência, IEL, UNICAMP: Impresso 2002, 21p.
- _____. **Registro de linguagem, gestos e percepção no Banco de Dados de Neurolingüística**. 51º Seminários do GEL, 2003, Taubaté. (apresentação oral). Unpublished manuscript, 2003.
- _____. Afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, v. 6, nº2, 7-36, 2008.

_____. Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá? **Anais do 7o Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem - ENAL**. Porto Alegre: CD-ROOM, 2007.

_____. Caminhos da Neurolinguística Discursiva: o velho e o novo. **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado de Letras, 2010a. _____. Relatório de Pesquisa do Projeto Integrado em Neurolinguística: avaliação e banco de dados (impresso), 2010.

_____. Projeto Integrado em Neurolinguística: práticas com a linguagem e documentação de dados. Relatório de pesquisa, CNPq: 307227/2009-0, de 2010 a 2013. Campinas, SP, 117 p. Unpublished manuscript, 2013.

_____. Patologização de crianças sem patologia. In: VIÉGAS, L. S.; RIBEIRO, M. I. S.; OLIVEIRA, E. C.; TELES, L. A. L.. **Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?**. 1 ed. Salvador : EDUFBA, p. 227-247, 2014.

_____. Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, [s.l.], v. 60, n. 2, p.323-350, 31 ago. 2018. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653126>.

_____. Controvérsias na patologização e contradiscursos na afasia e na infância. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), 2019.

COUDRY, M. I. H., BORDIN, S. M. S. Afasia e infância: registro do (in)esquecível. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n.1, p. 135-154. Jan./Jun. 2012.

COUDRY, M. I. H; DIAS, J.. Eu sei o que é mas eu não sei falar. **Revista do Gel**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 111-128, 30 dez. 2019. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i2.2420>.

COUDRY, M. I. H., FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H., FREIRE, M. I. H., ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 23-48, 2010.

COUDRY, M. I. H., FREIRE, F. M. P. **Investigação qualitativa na avaliação da linguagem de afásicos**. Atas 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ). Porto. v. 3. p. 423-432, 2016.

COUDRY, M. I. H., FREIRE; F. M. P. Avaliação discursiva das afasias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.5, n.8, p. 360-377, ago. 2017.

COUDRY, M. I. H., FREIRE; F. M. P.. Fala e leitura: uma (re)entrada para a escrita. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, [s.l.], v. 59, n. 3, p.565-575, 4 dez. 2017. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v59i3.8650998>.

COUDRY, M. I. H; MOUTINHO, I.; **Experimental linguistics in aphasia and child language**, 10/2019, Científico Internacional, 10th International Conference of Experimental Linguistics, Vol. 1, pp.113-116, Lisboa, PORTUGAL, 2019

FILLMORE, C.J. 1975. An alternative to checklist theories of meaning. In: C. COGEN; H. THOMPSON; G. THURGOOD; K. WHISTLER (eds.), **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley, p. 23-131.

FOUCAULT, M: **Arqueologia do saber**. Petrópolis, Lisboa: Vozes, Centro do livro Brasileiro, 1969. 260 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 1a. ed. 1987. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCHI, C. (1977). **Linguagem- Atividade constitutiva**. In: Almanaque, 5: 9-27.

FRANÇOZO, Edson; LIMA, Maria Luiza Cunha; COELHO, Orlando Bisacchi. Brincando com a linguagem e criando sentidos ou cognição distribuída e emergência da linguagem. **A Mente Humana**, -, v. 3, n. 0, p.0-0, 03 out. 2004.

FREIRE, F. M. P. **Enunciação e discurso: a linguagem de programação Logo no discurso do afásico**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 1999.

_____. **Agenda mágica: linguagem e memória** / Fernanda Maria Pereira Freire. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

FREIRE, F. M. P.; COUDRY, M. I. H. **Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar**. In: 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, 2016, Porto. Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2016. v. 3. p. 367-376.

FREUD, S. **La afasia**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1981.

_____. Uma nota sobre o Bloco Mágico. In : **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1924/25.

GARCIA, Bruna Leite. **O papel da interlocução e os efeitos dos recursos digitais na linguagem de um jovem afásico**. 2018. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/332943/1/Garcia_BrunaLeite_M.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

HUTCHINS, E. The technology of team navigation. In: GALEGHER, JOLENE; KRAUT, ROBERT; EGIDO, CARMEN. **Intellectual Teamwork: social and technological foundations of cooperative work**. Hillsdale, N. J: LEA, 1990. p. 191-220.

_____. **Cognition in the wild**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995a.

_____. **How a cockpit remembers its speeds**. Cognitive Science, n. 19, p. 265-288, 1995b.

HUTCHINS, E., KLAUSEN, T. Distributed Cognition in an Airline Cockpit. In: MIDDLETON, DAVID; ENGESTRON, YRJÖ. **Communication and cognition at work**. Cambridge: CUP, 1996.

GOLDSTEIN, K. **Language and Language Disturbances: Aphasic Symptom Complexes and their Significance for Medicine and Theory of Language**. New York: grune & Stratton, 1948. 386 p.

JACKSON, H. (1874). **On the nature of the duality of the brain**. Medical Press and Circular, 1: 19, 41 and 63. Reprinted in Brain 38:80-86; 87- 95; 96-103, 1915.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. (I. B. PAES, Trad.) São Paulo: Cultrix, 1976.

JAKOBSON, R. Aspectos Linguísticos da tradução. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 63-72. Edição original: 1956.

_____. A afasia como um problema linguístico. In: Lemle M.; e Leite, Y. (Org.). **Novas Perspectivas Linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970. p.43-54. Edição original 1955. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 34-62.

JENKINS, H. (2008). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York, N.Y., New York University Press. PITTOL, Eduardo; RIGO, Sandro José. **Certografia: um corretor ortográfico automático para português e resultados de um estudo de caso aplicado na área jurídica**. Revista Brasileira de Computação Aplicada, [s.l.], v. 7, n. 3, p.00-00, 30 out. 2015. UPF Editora. <http://dx.doi.org/10.5335/rbca.2015.3776>.

LURIA, A. R. **Basic problems of neurolinguistics**. The Hague: Mouton, 1976.

_____. **Cognitive Development: its cultural and social foundations**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1976.

_____. **Neuropsychological studies in aphasia**. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger Ed., 1977.

_____. **Fundamentos de neurolinguística**. Tradução de Jordi Peña-Casanova. Prefácio de Ll. Barraquer-Bordas. Barcelona: Toray-Masson, 1980. 327 p., il. ISBN 8431102578 (enc.).

_____. **The working brain**. London: Penguin Books, 1981.

_____. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. **O homem com um mundo estilhaçado**. Tradução de Lolio Lourenço de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Título Original: *Analyser les textes de communication*, 1998).

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006. (Título original: *Le discours littéraire*, 2005).

_____. **Mídium e discurso**. . Análise de textos de comunicação. 5 ed. Trad. Cecília P de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez Editora, 2008a. p. 71-83.

_____. **Cenografia epistolar e debate público**. In: *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008b. p. 115-135.

_____. **Hipergênero, gênero e internet**. In: . *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-138

MARCO, Victor di. **MEDICINA É CAPACITISTA?** 13 ago. 2020. Instagram:

@victordimarco. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/CD2Y03cHheV/?igshid=ft52p9rx23rc>. Acesso em: 15 out. 2020.

- MOUTINHO, Isabella. **Contribuições da neurolinguística discursiva pra a formação de professores**. 2019. 389 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2019.
- MULLER, L. M. M. **Sujeitos, histórias e rótulos: a leitura e a escrita de crianças e jovens diagnosticados de Dislexia**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 2013.
- MUSSALIM, F. **Plano de Trabalho Pós-Doutorado Sênior: A problemática da anterioridade discursiva em Análise do discurso: em pauta a dimensão cognitiva da teoria do discurso**. Uberlândia: Cnpq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2017.
- MUSSALIM, F. **A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 2, p. 400-413, 2018. DOI: 10.20396/cel.v60i2.8651036. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8651036>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- NOVAES-PINTO, R. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 1999.
- _____. **Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: IEL, UNICAMP, 1992.
- PATZDORF, Danilo. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo: corporalidade nas ambiências digitais**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 214 p.
- PEROTTINO, Silvana. Neurolinguística discursiva e transmissão – a questão da autoria. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, [s.l.], v. 60, n. 2, p.351-367, 31 ago. 2018. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v60i2.8648717>.
- Pittol, E. e Rigo, S. 2015. **Certografia: um corretor ortográfico automático para português e resultados de um estudo de caso aplicado na área jurídica**. *Revista Brasileira de Computação Aplicada*. 7, 3 (out. 2015), 31-42. DOI:<https://doi.org/10.5335/rbca.2015.3776>.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. 1ª Edição. ed. Meridional: Porto Alegre, 2009.
- REZENDE, Breno R. M. P. R.- **Hipergênero e sistema de hipergenericidade: análise do funcionamento discursivo do Facebook** / Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende. - 2017.
- RIGHI-GOMES, M. J. **A escola atual à luz da neurologia e da neurolinguística**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 2014.
- SAMPAIO, N. F. Santos. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.
- SILVA, M. A. **Estudo neurolingüístico de duas crianças portadoras da Síndrome do X-Frágil**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 2014.

TURKLE, Sherry. Whither Psychoanalysis in Computer Culture? **Psychoanalytic Psychology**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 16-30, 2004. American Psychological Association (APA).
<http://dx.doi.org/10.1037/0736-9735.21.1.16>.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

_____. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 2007.

WERNICKE, C. (1994). Some new studies on aphasia. In **Reader in the history of aphasia** (Vol. 4, pp. 69-98). Philadelphia, PA: John Benjamins. (Original work published 1874)